



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CECÍLIA COSTA MOREIRA

**A TEMÁTICA AFRICANA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL:
NOVOS RUMOS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

CECÍLIA COSTA MOREIRA

**A TEMÁTICA AFRICANA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL:
NOVOS RUMOS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M837t

Moreira, Cecília Costa.

A temática africana na literatura infantil e juvenil : novos rumos no mercado editorial brasileiro / Cecília Costa Moreira. - 2024.

62 f. : il. color.

Monografia (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

1. Literatura infantojuvenil - Publicações. 2. Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. 3. Livros - Comércio - Brasil. 4. Cultura afro-brasileira. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 808.899282

CECÍLIA COSTA MOREIRA

**A TEMÁTICA AFRICANA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL:
NOVOS RUMOS NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 25/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Jorge Garcia Basso

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado força e saúde ao longo dessa caminhada. Posteriormente, agradeço aos meus pais, Maria Das Neves e Manoel que desde a infância me mostraram a importância da educação como prática da emancipação.

Sou grata ao meu filho Gabriel, ele me ensinou amar incondicionalmente, e me inspira a lutar por um futuro mais promissor. Também agradeço a Ailton, meu namorado, esposo e amigo, sou muito grata pelo apoio incondicional que me ofereceu durante esse tempo, sem ele nada disso seria possível.

Aos meus irmãos: Gerlane, Renata, Jeferson (Doré), Sandro, Genilson, José Augusto e a toda minha família.

Agradeço a todos os meus colegas da universidade e amigos, por contribuírem diretamente e indiretamente nesse percurso formativo, quero agradecer especialmente à Camila que desde o primeiro semestre tem dividido comigo as angústias e alegrias, nossa amizade ultrapassa questões acadêmicas.

Para mais, agradeço a Thaís, minha colega do Projeto de iniciação científica Decolonialidade na Literatura infantil e juvenil.

Deixo aqui um agradecimento especial à minha orientadora Lucilene que acreditou em mim em um momento em que eu mesma duvidava da minha capacidade e intelectualidade, você é uma verdadeira fonte de inspiração.

Por fim, agradeço a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e a todo corpo docente e técnico que compõem esta instituição, minha gratidão pelos ensinamentos.

Na oportunidade quero agradecer ao Fundo de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB pela concessão da bolsa que, sem sombras de dúvidas, trouxe impactos positivos para minha vida pessoal e profissional.

RESUMO

Esta monografia é fruto do projeto de iniciação científica *Decolonialidade na literatura infantil e juvenil*, aprovado pelo edital PIBIC 01/2023, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). O objetivo do estudo é apresentar um levantamento documental de produções literárias infantojuvenis que evidenciam em seu arcabouço epistemológico as culturas e mitologias africanas. Foram catalogadas 225 obras pesquisadas nos acervos das editoras brasileiras, sites de compra de livros, acervo digital da Biblioteca Nacional e Câmara Brasileira do Livro. Para a padronização metodológica, adotamos as categorias conceituais da História Cultural de Roger Chartier (1990, 2014, 2017) sobre a materialidade do impresso trazendo informações inerentes à materialidade das edições. O marco temporal deste estudo compreende de 2003 a 2023, em consonância com os 20 anos da promulgação da lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino de história da África e das culturas africanas e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino, período em que essa literatura ganha destaque e visibilidade nos catálogos editoriais, trazendo para o mercado brasileiro autores e culturas estigmatizadas e subalternizadas no contexto histórico moderno. Concluímos que essa literatura revela um conjunto de possibilidades pedagógicas decoloniais, confrontando o racismo e o eurocentrismo arraigado na cultura escolar, promovendo uma educação antirracista.

Palavras-chave: literatura infantojuvenil - publicações; Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]; livros - comércio - Brasil; cultura afro-brasileira.

ABSTRACT

This monograph is the result of the scientific initiation project Decoloniality in children's and young adult literature, approved by PIBIC 01/2023, funded by the Bahia State Research Support Foundation (FAPESB). The objective of the study is to present a documentary survey of children's and young adult literary productions that evidence African cultures and mythologies in their epistemological framework. A total of 225 works were cataloged and researched in the collections of Brazilian publishers, book purchase websites, the digital collection of the National Library and the Brazilian Book Chamber. For methodological standardization, we adopted the conceptual categories of Roger Chartier's Cultural History (1990, 2014, 2017) on the materiality of the printed material, bringing information inherent to the materiality of the editions. The time frame of this study covers the period from 2003 to 2023, in line with the 20th anniversary of the enactment of Law 10.639/03, which made the teaching of African history and African and Afro-Brazilian cultures mandatory in educational institutions. This period saw this literature gain prominence and visibility in editorial catalogs, bringing to the Brazilian market authors and cultures that were stigmatized and subalternized in the modern historical context. We conclude that this literature reveals a set of decolonial pedagogical possibilities, confronting racism and Eurocentrism rooted in school culture, promoting an anti-racist education.

Keywords: children's literature - publications; Brazil. [Law No. 10,639, of January 9th, 2003]; books - commerce - Brazil; Afro-Brazilian culture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS	14
3	A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O MERCADO EDITORIAL	20
4	A TEMÁTICA AFRICANA NA RECENTE PRODUÇÃO EDITORIAL	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia intitulada *A temática africana na literatura infantil e juvenil: novos rumos no mercado editorial brasileiro* é fruto do projeto de iniciação científica *Decolonialidade na literatura infantil e juvenil*, aprovado pelo edital PIBIC 01/2023, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), iniciado em setembro de 2023 e finalizado em outubro de 2024. O projeto foi coordenado pela Professora Dra. Lucilene Rezende Alcanfor, sendo uma extensão da sua pesquisa de pós-doutorado. O estudo tem como objetivo apresentar aos seus leitores os resultados do projeto supracitado, no qual pesquisamos e catalogamos 225 produções literárias de recepção infantil e juvenil no mercado editorial brasileiro que abordam perspectivas epistemológicas das culturas e mitologias africanas. Essa abordagem evidencia e valoriza povos e culturas historicamente estigmatizadas no processo histórico moderno, advindo de políticas do embranquecimento que dilacerou profundamente as populações africanas e afro-brasileiras. O marco temporal deste estudo compreende de 2003 a 2023, momento este em que o Estado brasileiro sanciona a lei 10.639/03, tornando obrigatório o ensino de história da África e das culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos escolares, fazendo com que essa literatura ganhasse destaque na produção editorial brasileira. A data final faz referência aos 20 anos da promulgação da referida lei.

No ano de 2021 ingressei na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB, Campus dos Malês) posteriormente, participei dos grupo de extensão *Memória, Oralidade e Teatro: encruzilhadas para a construção de pedagogias cênicas* e nos grupos de pesquisa *Educação, História e Decolonialidade* e *Literatura infantojuvenil e a lei 10.639/03: por uma educação antirracista*, esse último no qual atuei como bolsista remunerada PIBIC-FAPESB de outubro de 2023 a outubro de 2024. Tais experiências proporcionaram embasamento teórico para questionar e confrontar discursos universalizantes que constituíram minha percepção de mundo por longos anos, advindo de narrativas hegemônicas consumidas em sua maioria nas escolas. Foi lendo Chimamanda Adichie, Maya Angelou, Djamilia Ribeiro, Toni Morrison, Bell Hooks, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, dentre outras intelectuais, que me reconheci como uma mulher negra detentora de direitos. Infelizmente, meu acesso à literatura que discute a negritude veio na fase adulta, pois a falta de representatividade, isto é, representatividade vazia era realidade nas instituições de ensino a qual estava inserida na infância e adolescência.

Durantes séculos foram impostos nos currículos escolares narrativas coloniais que negligenciaram a contribuição dos povos africanos para o desenvolvimento da humanidade,

o pensamento único era a base do conhecimento excludente e segregador que exterminava o protagonismo desses povos com base na imposição de uma outra cultura dita civilizada. Haja visto, que o ocidente influenciou de forma incalculável a nossa percepção de mundo para com a negação da identidade africana e afro diaspórica e, com isso, proporcionou a invisibilidade de uma dada nação por longos anos nas instituições de ensino (Santos, 2023).

Pode-se afirmar que o pensamento hegemônico contribuiu para a propagação do racismo por meio de artifícios de opressão nos livros escolares. Nas palavras de Eliane Debus (2013), por longos anos, foram difundidas na literatura infantojuvenil perspectivas depreciativas através de narrativas hegemônicas, fazendo com que apenas a história europeia fosse reverberada de maneira positivada, subalternizado e inferiorizando grupos não brancos. Essa estratégia oriunda do ocidente reverbera a hierarquia e domínio de quem por longos anos deteve o poder da escrita e do discurso que se apropriando de pensamentos universalizantes deturparam histórias e as ocultaram.

Na contracorrente de uma literatura opressora e racista, escritores africanos e afro-diaspóricos denunciavam nos livros de recepção infantil e juvenil no século XX o preconceito e a discriminação racial que crianças e jovens negros vivenciava nos espaços educacionais. Júlio Emílio Braz, ao redigir a obra *A Felicidade não tem cor* (2004), sintetizava como a propagação de estereótipos racistas nas escolas conduzia à construção de uma identidade distorcida baseada na aspiração pelo ideal de ser branco. Os pontos apresentados pelo escritor vão além da ficção, diversas pesquisas acadêmicas revelam como uma pedagogia excludente e hegemônica impacta corpos vulneráveis nas instituições de ensino, evidenciando a necessidade de novas abordagens emancipatórias e libertárias nos espaços escolares, conforme observado por bell hooks (2013) no livro *Ensinando a transgredir como prática da liberdade*.

Tais apontamentos se entrecruzam com as perspectivas antirracista da escritora brasileira Sueli Carneiro ao sintetizar em entrevista para TV Senado, em 2022, que “saberes sepultados estão ressurgidos”¹. Com base nessa afirmativa, compreende-se que a lei 10.639/03 é importante instrumento que possibilita a visibilidade de povos e culturas subalternizadas no sistema educacional brasileiro, posto que, torna obrigatório o ensino da história da África e das culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos escolares, promovendo diversas ações emancipatórias para a consolidação de uma sociedade justa e igualitária por meio de uma educação de qualidade com equidade, pautando-se em perspectivas antirracistas e decoloniais.

¹ Disponível em: [Sueli Carneiro: de que barro somos feitos para permitir a situação dos negros deste país?](#) Acesso em: 9 abr. 2024.

Os estudos realizados por Antonacci (2016) demonstram a relevância das *pedagogias decoloniais* presentes nas leis 10.639/03 e 11.645/08, as quais introduzem novas visões epistemológicas para valorizar e positivar as culturas africanas, afro-diaspóricas e indígenas, ao mesmo tempo que desafiam a hegemonia cultural na produção e transmissão de saber, demonstrando que, apesar das políticas genocidas no período colonial e pós colonial, houve a preservação e disseminação de conhecimento advindo do corpo, isto é, *performances pedagógicas* reverberado também na contação de histórias pelos guardiões das africanidades através da literatura oral .

A literatura infantil e juvenil que reverbera as temáticas africanas e afro-brasileiras são de suma relevância para romper paradigmas dominantes, valorizando e dando voz a povos e culturas marginalizadas na sociedade como um todo. Nessa vertente, Eliane Debus (2013) ao analisar as produções literárias de autores africanos de língua portuguesa revela que a oralidade é marca registrada em suas produções literárias, posto que, aspiram que crianças e adolescentes “resgatem contos da tradição dos povos africanos” (Debus, 2013, p. 13). Tais perspectivas decoloniais presentes na literatura infantojuvenil de temáticas africanas explanam o comprometimento de autores africanos e afro-diaspóricos em desenterrar histórias sepultadas/invisibilizadas e reconta-las, abordagem esta que foi impulsionada pelas políticas de reconhecimento, reparação e valorização de grupos e culturas subalternizadas no processo histórico moderno.

Essa pesquisa se justifica por sua relevância acadêmica, política e social, pois evidencia a importância de se historicizar essa recente produção e o interesse das editoras por tais temas, revelando-se como um mercado interessante e lucrativo especialmente impulsionado pela lei 10.639/03.

No entanto, ressaltamos que tal avanço também é fruto de mobilizações sociais do Movimento Negro Unificado (MNU) que vem reivindicando que a história do negro seja contada no espaço escolar de forma positivada, ciente que o sistema educacional brasileiro historicamente sempre foi um campo de disputas ideológicas e espaço privilegiado para disseminação do racismo e epistemicídio cultural (Gomes, 2008). Nesta perspectiva, apresentamos dados descritivos e quantitativos desta literatura desenvolvida para o público infantojuvenil, destacando os autores, editoras, ano de publicação, ilustradores, assuntos, títulos, referências bibliográficas, entre outras informações que evidenciam o crescimento de tais produções que promovam a visibilidade epistêmica dessas publicações editoriais entendidas como artefato pedagógico contra hegemônico.

O marco temporal deste estudo refere-se aos vinte anos da promulgação da lei 10.639/

03 que alterou a lei 9.394/96 tornando obrigatório o ensino da história da África e das culturas africana e afro-brasileira nos componentes curriculares. O artigo 26 A, parágrafo 1 e 2 da lei 10.639/03 diz que:

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (Brasil, 2003).

Segundo Alcanfor (2022) após a promulgação da referida lei e suas diretrizes curriculares houve aumento significativo das temáticas africanas, afro-brasileira e indígenas no mercado editorial brasileiro, colocando assim, grupos e culturas estigmatizadas no centro da discussão, revelando seu legado histórico para o progresso da humanidade, além de promover e valorizar suas culturas, crenças e narrativas. Sendo assim, a pesquisa partiu da seguinte problemática epistemológica: O que o mercado editorial brasileiro tem produzido nos últimos 20 anos sobre temáticas africanas de recepção infantil e juvenil em consonância com a lei 10.639/03?

O caminho metodológico para a fundamentação desta pesquisa consiste em um estudo historiográfico abarcando a categoria epistemológica da materialidade do impresso, de Roger Chartier (1990, 2014), atentando para os aspectos de produção e circulação dos livros. Para esse historiador do livro e das edições é impossível analisar um livro desvinculado da sua materialidade, já que a materialidade do impresso é composta por um conjunto de elementos interligados que orientam a leitura e constituem o suporte material, incluindo representações e simbologias, relação do texto com o leitor, projetos editoriais, premiações, ilustrações e uma rede de produção e circulação que insere esses livros na sociedade, todos esses elementos compõem a materialidade do impresso. Segundo o autor:

Materialidade do texto significa os formatos diferentes das obras publicadas. Significa também a inscrição e a disposição do texto sobre as páginas do livro. Significa igualmente as escolhas do autor, do corretor, do operário tipográfico ou do tipógrafo, na Primeira Modernidade, no que se refere às grafias ou às pontuações. Então, isso é um conjunto de elementos que define a materialidade do livro, que produz uma possibilidade de recepção da obra para os leitores que pensam sua apropriação isoladamente em relação ao texto lido, mas que é, ao mesmo tempo, uma apropriação guiada, constrangida, organizada pela materialidade do livro, que o leitor não necessariamente tem presente na sua consciência (Chartier, 2022, p. 612).

No contexto de uma pesquisa historiográfica, o estudo documental e análise da

literatura permite que o pesquisador investigue o crescimento dessa recente produção que ganhou notoriedade na indústria editorial brasileira após as políticas afirmativas de reparação, reconhecimento e valorização de grupos e culturas subalternizadas na sociedade contemporânea. Para essa organização e sistematização dos dados, utilizamos o padrão de metadados Dublin Core (DCMI - Dublin Core Metadata Initiative), que apresenta informações expandidas sobre o objeto investido como: autores, ilustradores, premiações, número de páginas, ISBN, editora, assuntos, referências bibliográficas, temas, ano da publicação, link da capa do livro, link da fonte, idioma, edição, título, título alternativo. Conforme apresentado por Valverde (2020).

Metadados são, em sua essência, dados sobre dados, pode ser, o que normalmente foi registrado em um auxílio de busca (por exemplo, data, criador e local). Mas também pode ser muito mais do que isso, incluindo descrições de assunto muito detalhadas espalhadas por categorias que descrevem qualquer coisa, desde conteúdo a material, necessidade de preservação ou direitos autorais (Valverde, 2020, p.19).

Por conseguinte, ressalta-se que as fontes digitais foram essenciais para solidificação deste estudo, permitindo que os dados documentais fossem mapeados digitalmente em sites de compra de livros, no acervo digital da Biblioteca Nacional, Câmara Brasileira do Livro e em acervos digitais das editoras².

O trabalho estará dividido em três seções. Primeiramente serão evidenciadas discussões em torno da produção literária infantil e juvenil para as relações étnico- raciais. Na segunda seção, traçamos uma discussão sobre literatura e mercado editorial brasileiro. Por fim, na última parte, apresentaremos dados da produção editorial catalogada que tematizam as

² O banco de dados intitulado *Decolonialidade na literatura infantil e juvenil* trata-se de um projeto de pesquisa coordenado pela professora Lucilene Rezende Alcanfor e pelo professor Jorge Garcia Basso, docentes do Instituto de Humanidades e Letras, desenvolvido no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês O projeto de pesquisa foi aprovado pelo edital *PIBI C- 01/2023* e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) com duas bolsas de iniciação científica. As bolsistas Cecília Costa Moreira e Thais Jardim Novaes Sacramento realizaram com a orientadora a pesquisa e catalogação das obras literárias, contribuindo com o levantamento e sistematização dos dados. A construção técnica da estrutura do banco de dados foi liderada por Eric Brasil, professor de História do Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB, que utilizou o modelo DCMI (DublinCore Metadata Initiative) para garantir a organização e acessibilidade das informações. Priscila Valverde Silveira também integra a equipe técnica, colaborando na implementação da infraestrutura digital e suporte técnico. A partir dessa estrutura, foi criada uma página pesquisável no sistema *Omeka S*, que permite a visualização e pesquisa das obras catalogadas de forma eficiente. Além disso, o projeto conta com o suporte técnico e de infraestrutura do Mestrado em Humanidades Digitais da UFRRJ, que oferece o acesso ao servidor onde o *Omeka S* está hospedado, possibilitando que o banco de dados esteja disponível ao público em uma plataforma robusta e segura. Essa rede de parcerias multidisciplinares reforça o compromisso do projeto em promover a visibilidade epistêmica dos grupos étnicos presentes na literatura infantil e juvenil, proporcionando uma ferramenta valiosa tanto para a pesquisa acadêmica quanto para a educação básica. O banco de dados está disponível em: <https://omekas.im.ufrj.br/s/dlij/item>. Acesso em 27 out. 2024.

culturas africanas e teceremos discussões conclusivas sobre a importância dessa literatura na escola.

2 A LITERATURA INFANTOJUVENIL NO CONTEXTO DAS POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Daremos início à primeira seção desta monografia, discutindo a literatura infantojuvenil como ferramenta para educação das relações étnico raciais, antes, teceremos comentários sobre as lutas e organizações do movimento negro brasileiro que por sua vez culminou, em 2003, com a promulgação da lei 10.639/03, tornando obrigatório o ensino da História da África e das culturas africanas e afro-brasileiras em todo segmento da educação básica. É importante destacar que essa política pública impulsionou alterações no mercado editorial brasileiro com produções e circulações de uma literatura infantojuvenil voltadas para valorização e positivação de grupos e culturas, historicamente marginalizadas na sociedade moderna contemporânea.

Com base no contexto histórico, sabe-se que o Brasil é um país caracterizado pela sua diversidade cultural e étnica, organizado socialmente por meio de invasão europeia, violência sexual, apropriação de bens, colonização e 300 anos de escravidão, sendo o último país da América Latina a abolir essa prática. Segundo Kabengele Munanga (2009) desde a partilha da África na conferência de Berlim, em 1888, os colonizadores passaram a profanar um discurso de identidade humana universal, apresentando o continente africano e sua população de forma depreciativa, isto é, destituído de conhecimento e humanidade, negligenciado e ocultando tecnologias, riquezas, culturas, perspectivas de mundo, línguas maternas e civilizações, promovendo assim, estratégias excludentes e opressoras que fundamentaram o processo de colonização e escravização em África e nas diásporas.

Nesse contexto, a população brasileira no período colonial e pós colonial recebeu uma educação introjetada de valores eurocêntricos e racistas, políticas educacionais foram elaboradas para excluir a população negra das escolas e a sua não permanência nos bancos escolares. Primeiramente, com o decreto n. 1.331 de 1854 que estabelecia a exclusão dos escravizados nas escolas públicas. Posteriormente, com o decreto n. 7.031- A de 1878 explanava que os negros só poderiam frequentar os bancos escolares no período noturno (Brasil, 2004). Com a abolição da escravatura em 1888 o Estado brasileiro não elaborou políticas de reparação e inclusão desse grupo na sociedade, pelo contrário, a ideologia do branqueamento

foi amplamente difundida na sociedade vigente, propondo-se a limpeza das raças, e consequentemente, a aniquilação do povo negro. Modesto Brocos, ao pintar o quadro a redenção de Cam, em 1895, materializa essa política genocida que deixou resquícios na sociedade brasileira até os dias atuais.

Na contemporaneidade, grupos não brancos carregam uma herança de discriminação e opressão em todos os âmbitos das instituições que forma esta nação, demonstrando a relevância de políticas afirmativa, a fim de corrigir injustiças sociais, refutar a historiografia oficial do Brasil a partir de uma perspectiva positiva, descolonizar os currículos pedagógicos e valorizar a pluralidade étnico-racial, promovendo assim, rupturas na cultura escolar como um todo.

Nesse intuito, o presidente Luís Inácio Lula da Silva, sancionou em 2003 a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história da África e das culturas africanas e afro-brasileiras nos estabelecimentos educacionais públicos e privados do Brasil. Sucessivamente, o Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Ministério da Educação (MEC), através do parecer 03/2004, redigiu as diretrizes curriculares para educação das relações étnicos raciais, sendo este documento norteador capaz de auxiliar educadores, coordenadores e todos atores sociais a refletir e trabalhar a diversidade étnico racial nos currículos escolares, combatendo assim o racismo e o epistemicídio cultural. O principal objetivo é:

[...] promover alterações positivas na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo. Visando romper os efeitos coloniais e pós-coloniais que atravessavam violentamente a população negra (Brasil, 2004, p. 8).

As políticas de reparação, reconhecimento e valorização para grupos subalternizados e estigmatizados no processo moderno são essenciais para efetivação de uma educação emancipatória, democrática e libertária, apresentando caminhos para a descolonização da mentalidade racista e preconceituosa no campo escolar. Contudo, é importante ressaltar que as lutas contra o racismo e favor da educação do negro na sociedade brasileira não inicia na contemporaneidade, tampouco resume-se a benevolência do Estado brasileiro. Tais conquistas são frutos de mobilizações e lutas que se iniciaram quando o primeiro navio negreiro aterrissou em solo brasileiro, com revoltas e rebeliões, materializadas no quilombo Zumbi dos Palmares, sendo este, o maior marco da resistência e luta da população negra no Brasil.

Nessa perspectiva, Pereira (2011) afirma que as lutas contra as discriminações raciais e a favor da reavaliação do papel do negro na sociedade brasileira ganha força com a criação Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, sendo está uma organização estreitamente organizada para lutar e reivindicar direitos políticos e sociais que excluía a população negra dos espaços de poder e de existência. O Movimento Negro Unificado incorporava com veemência nos seus discursos a necessidade das instituições de ensino incorporar nos projetos pedagógicos a colaboração do negro na formação da nação, reconhecendo e valorizando a história e cultura afro-brasileira, visando assim, refutar a historiografia colonial que tinha/tem as raízes europeias como centro do discurso e berço da humanidade. Como também, estava incluso nas suas agendas a desmistificação do mito da democracia racial que encontrou na literatura de Gilberto Freyre, na obra Casa Grande e Senzala, um campo propício para sua disseminação, verdadeira dicotomia.

Dessa maneira, uma das ações educativas contidas nas diretrizes curriculares é promover a ampliação de produções editoriais que corrijam e combatam narrativas hegemônicas contidas em obras literárias já publicadas no mercado editorial, além de fomentar produções e circulação de livros que contribuam para a educação das relações étnico raciais. Segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais é necessário promover a

Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB, e, para tanto, abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afrodescendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE) (Brasil, 2004, p. 25).

Essa proposta educativa é relevante, uma vez que diversas obras literárias que circularam no mercado editorial brasileiro e, conseqüentemente nas instituições escolares, reforçavam estereótipos racistas, disseminando a discriminação racial. Nesse enfoque discursivo, Fúlvia Rosemberg (1981), ao analisar 168 títulos de recreação infantil e juvenil publicados no mercado editorial brasileiro, entre os anos de 1950 e 1970, evidenciou mediante análise qualitativa e quantitativa, a discriminação étnico racial contra grupos não brancos, os personagens e os textos literários reforçavam estereótipos racistas, objetificando e desumanizando o corpo negro e indígena. Lamentavelmente, essa literatura foi amplamente difundida nas escolas brasileiras alavancando veementemente educandos negros e não negros

que, por sua vez, internalizava e disseminava narrativas coloniais de inferioridade e superioridade nacional. Segundo Alcanfor (2022), já em 1980 a indústria editorial passou a incluir nos seus catálogos, de forma ainda muito lenta, temas relacionados à cultura africana e afro-brasileira, porém, tais obras estavam mais voltadas para um discurso da pluralidade cultural e da mestiçagem no Brasil, a exemplo de *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado e *O menino marrom*, de Ziraldo.

Com as inovações curriculares contidas nas leis 10.639/03 e 11.645/08 evidenciou-se o crescimento de obras literárias para crianças e adolescentes compromissadas com uma diversidade cultural centrada nas pautas identitária, bem como de posituação de grupos marginalizados, reverberando a cultura africana, afro-brasileira e indígena, servindo como material pedagógico para o ensino de História da África e dessas culturas nos estabelecimentos de ensino.

Escritores e pesquisadores como Eliane Debus, Lucilene Alcanfor, Jorge Garcia Basso, utilizam sua intelectualidade para analisar o crescimento dessas produções literárias nos catálogos editoriais brasileiros e, ao interrogá-las, constatou-se que esta literatura é um artefato político, pedagógico e social com capacidade epistemológicas de retirar sujeito e culturas subalternizadas da margem da sociedade e colocá-los no centro do discurso e como protagonistas em tais produções, reverberando assim, o legado cultural e ancestral desses grupos étnicos para a formação da nação brasileira. Para Alcanfor e Basso (2019) essas produções literárias apresentam às crianças e adolescentes “outros repertórios culturais, outros futuros presentes que questionam os regimes de verdade mantidos pelo colonialismo, abalando fronteiras epistêmicas e fazendo emergir sujeitos, povos e culturas considerados sem História” (Alcanfor; Basso, 2019, p.23).

Cademartori (2024, p.53) afirma que a literatura contemporânea se orienta pela pluralidade das referências culturais porque “vivemos tempo de fronteiras franqueadas, convivência de culturas diversas, ausência de centralidade”.

Nessa mudança de foco reside a diferença fundamental entre a literatura infantil de hoje e aquela produzida nos anos 1970, período de expansão e consolidação do gênero. [...] Na literatura de hoje, no entanto, referências políticas, sociais, culturais ganham multiplicidade e voltam-se à afirmação da diferença e do lugar do outro. O texto literário combina elementos das culturas mais diversas e estabelece entre elas diálogos capazes de romper com a programação e o condicionamento, que por acaso ambos tenhamos, para perceber sempre o mesmo. Assim, um efeito possível das variadas formas de trocas simbólicas na cultura é a percepção pelo sujeito de que seu mundo não é o único, e que o outro – o diferente dele – não é objeto, mas é também sujeito. Sendo assim, por distante que o outro esteja, não será apenas um objeto no foco de observação, mas um interlocutor em diálogo em que ambas as partes se dão a

conhecer. De tal modo que, quando um recebe algo do outro, influenciam-se (Cademartori, 2024, p. 53).

Portanto, uma forte vertente temática da literatura infantil contemporânea está voltada para o reconhecimento de diferentes grupos sociais como sujeitos portadores de uma cultura, o que demonstra não ser a identidade algo fixo, mas instável, uma vez que não nascemos com ela, mas a construímos ao longo da vida.

Em resumo, considera-se pertinente dizer que a literatura infanto juvenil que tematizam as culturas africanas e afro-brasileiras é uma ferramenta contra colonial que desempenha um papel imprescindível para a educação das relações étnicas raciais. O livro literário, com pedagogias decoloniais, refuta as matrizes europeias, apresenta outros repertórios culturais, evidencia personagens negros como agente político ativo na história, viabiliza autores e culturas silenciadas. No livro intitulado *Adebumi meu verdadeiro Nome*, escrito pelo professor Ricardo Jaheem (2023), identificamos pedagogias decoloniais para o ensino da História da África e das culturas afro-brasileira no contexto da lei 10.639/03. O autor convida as crianças a conhecer temas ligados ao continente africano, quilombo, escravidão, festividade, luta pela liberdade através da princesa Adebumi, menina da etnia banto que quando criança foi sequestrada e escravizada no Brasil. Antes de evidenciar a viagem transatlântica e a luta pela libertação, o autor demonstra perspectiva de mundo e aspectos culturais do grupo étnico da princesa. Sua poeticidade enriquece a narrativa ao evidenciar o nascimento de Adebumi que fez as estrelas se esconderem em respeito à sua beleza e poder, a lua referenciar seu brilho, os oceanos formam linda melodia em sua homenagem, Adebumi, que significa riqueza em iorubá, brilhava mais que ouro, iluminado todo o continente africano trazendo alegrias sobre o céu e a terra.

Ricardo Jaheem positiva a imagem da menina “Adebumi era uma menina diferente, forte como a luz do mar, alegre na intensidade da luz solar e inteligente como a pantera negra ao caçar” (Jaheem, 2023, p. 09). Quando introduz os temas ligados à invasão e sequestro, o autor relata que maldições foram lançadas em sua tribo, fazendo com que as diferenças fossem um grande problema, desencadeando lutas e conflitos. No Brasil, a menina africana recebe o nome de Maria e inicia trabalho escravizado em uma fazenda na Bahia. Maria consegue fugir ao profanar seu nome étnico ADEBUMI, fazendo ressurgir trovões e consequentemente guerreiros que a libertam. Posteriormente, Adebumi torna-se princesa do quilombo, contribuindo para a libertação de outros sujeitos escravizados. O livro foi publicado pela AYA editora e ilustrado pela artista Francine S. Oliveira, com gotas de aquarela, com imagens vivas e coloridas, o material carrega consigo perspectivas de mundo da cultura africana e afro-

brasileira, positivando e valorizando a identidade cultural dos africanos e afrodescendentes por meio de suas representatividades.

Nesse contexto, dialogamos com a pesquisadora Thais Jardim Sacramento (2019) ao sintetizar que a literatura para as relações étnicas raciais permite que crianças negras se reconheçam como protagonistas, os personagens negros instituídos de humanidade fazem com que esses indivíduos se vejam representados nos contos literários e valorizem suas raízes culturais, construindo sua identidade pautando-se nos saberes, valores e costumes do seu grupo étnico. Outrossim, é importante relatar que a escola é a primeira instituição de socialização do educando, desempenhando um papel crucial na formação da identidade, na construção da autoestima e na ampliação do conhecimento crítico. Para isso, é de fundamental relevância educadores comprometidos com a luta antirracista.

Conceição Evaristo (2009) sublinha que a literatura afro-brasileira carrega subjetividade, experiências e vivências do ser negro, sendo uma escrita da vida “quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (Evaristo, 2009, p. 2). Segundo a autora, a presença de mulheres negras escrevendo é de suma importância para o protagonismo e empoderamento feminino. Para mais, enfatiza que o questionamento sobre a existência desse corpus literário está diretamente ligado com o racismo epistemológico que permeia a sociedade brasileira, já que o negro se ousou a adentrar em um espaço predominantemente branco, desafiando seu alçó e combatendo as atribuições desumanas que foram postas contra seu corpo.

Nesse contexto, é importante sintetizar que a literatura afro-brasileira é um campo literário que abrange produções de autores negros e afrodescendentes, promovendo a valorização da cultura negra e confrontando a literatura canônica, reivindicando veementemente o lugar do negro como sujeito portador de direitos. Eduardo Assis (2008) enfatiza um conjunto de elementos que configuram essa literatura, primeiramente a *temática* que coloca o negro no centro da discussão, revelando sua herança cultural, secundamente a *autoria*, onde o sujeito da enunciação é o próprio negro, nesse enfoque, temos o *ponto de vista* de que o autor consciente dos danos psicológico, material e social do racismo denuncia a desumanização dessa população. Por conseguinte, temos a *linguagem* que implicará na textualidade dos aspectos linguísticos do continente africano, por último o público *leitor*, uma vez que a literatura universal não abrangeu o interesse desse público sobre a africanidades na literatura.

Diante disso, percebemos o quanto a literatura infantojuvenil é indispensável para as relações étnico raciais, recontando o legado que foi violentamente ocultado e negligenciado pela historiografia oficial do Brasil, corroborando para que crianças e jovens construam sua identidade valorizando seus traços físicos e culturais. Para mais, novas abordagens epistemológicas ressurgem no mercado editorial brasileiro, comprometendo-se com perspectivas para além das relações étnico raciais, a literatura infanto juvenil de temáticas africanas que abordaremos na última sessão reverbera temas ligados a mitologias, geografia dos países africanos, músicas, filosofias em provérbios, histórias orais perpassadas de geração a geração pelos guardiões das africanidades e na contemporaneidade materializada nos catálogos editoriais. Nessa perspectiva, amplificaremos as discussões para além das questões identitárias, uma vez que os temas ligados a temática africana infantojuvenil transcende esta perspectiva.

3 A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O MERCADO EDITORIAL

Essa sessão tem como objetivo apresentar a relação da literatura infantil e juvenil com o mercado editorial brasileiro. As contribuições de Roger Chartier (2014) serão de fundamental importância para entendermos a trajetória do livro. Por conseguinte, embasada nas pesquisas de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2017) discutiremos o crescimento da literatura infantil e juvenil no mercado editorial brasileiro, evidenciando que as políticas públicas de incentivo à leitura corroboraram com o aumento nas produções e vendas desse gênero literário. Por fim, apresentaremos estudos que demonstram a inserção crescente das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas nesse setor.

A revolução de Gutenberg em 1450 com a criação da máquina tipografia possibilitou que grupos de diversas camadas sociais tivessem acesso ao impresso de forma rápida e acessível. Isso possibilitou um aumento significativo nas produções e circulação dos textos literários na sociedade moderna, permitindo que crianças, trabalhadores e mulheres se familiarizem com a cultura escrita por meio da biblioteca pública e coleções baratas (folhetos, revistas, literatura em cordel). Esse objeto cultural e material antes restrito à elite, alcançava grupos de diversas classes e diversificava as práticas de leitura, “impresso ou manuscrito, o escrito tem sido permanentemente investido com um poder ao mesmo tempo desejado e temido, necessário e perigoso” (Chartier, 2014, p. 30).

No que se refere a literatura infantil e juvenil, Zilberman e Lajolo (2017) afirmam que no século XX, com a industrialização e a situação econômica positiva no país, as artes ganham destaque, concomitantemente impulsiona o crescimento de diferentes setores culturais, entre eles a literatura, fazendo com que o número de livros impressos aumentasse favoravelmente no mercado editorial brasileiro, especificamente obras literárias e didáticas dedicadas a crianças e adolescentes.

A literatura infantojuvenil se constituiu como campo científico com as transformações políticas e sociais iniciadas no século XVIII, que por sua vez, promoveu um novo modelo de sociedade e família, preocupada com a educação da criança e adolescente, tendo em vista que anteriormente esses sujeitos eram interpelados como adulto em miniatura. Nessa nova configuração de sociedade era de fundamental importância material cultural para esses sujeitos, é nesse contexto que surgem os livros para infância e juventude (Jovino, 2006).

No século vigente, observamos um mercado moderno e globalizado contando com diferentes instâncias e profissionais que torna a literatura infantojuvenil um gênero literário de maior circulação nos catálogos editoriais brasileiros. De acordo com a Câmara Brasileira do livro e do Sindicato Nacional das Editoras a produção e vendas de livros didáticos e literários destinados a crianças e adolescentes superou a produção de livros ofertados para adultos. O mercado editorial brasileiro segue expandindo e se reorganizando, tornando-se um campo atrativo e lucrativo para esse público (Lajolo e Zilberman, 2017).

Sobre o *boom* da literatura infantojuvenil, Cademartori (1986) afirma que o livro infantil é antes de tudo um objeto de mercado:

Seus produtores são agentes que se inserem na dinâmica do mercado do sistema capitalista e tendem à produção do mais lucrativo. À medida que cresce o movimento educacional em torno do livro para criança, este, que é produzido para o mercado, e dele recebe cerceamentos ou incentivos, responde em proporção à demanda. [...] As preocupações pedagógicas coincidem com o descobrimento, pelo mercado, da criança como móvel do consumo. [...]. O mercado, naturalmente, apresenta-se tão diversificado para esse produto como para os demais (Cademartori, 1986, p. 17).

Podemos enfatizar que as políticas públicas de compra e aquisição de livros foram de fundamental importância para o crescimento nas produções literárias no mercado editorial, tendo como principal objetivo o incentivo nas práticas de leitura. Felipe Everson Camargo e Aroldo José Pinto (2021) na pesquisa intitulada *Programas de incentivo à leitura no Brasil: uma análise do PNLD literário 2020*, sublinham que há mais de 100 anos diversos programas foram criados para estimular a prática da leitura entre eles estão: Programa Nacional Sala de leitura (PNSL); Pró Leitura; Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) e atualmente

estando em vigor o Programa Nacional do Livro Didático e Literário (PNLD). Esses programas governamentais foram/são de suma relevância, pois permitem que crianças e adolescentes das camadas populares inclusos nos estabelecimentos públicos de ensino tenham acesso a esse objeto cultural que é o livro literário de forma gratuita.

Nesse contexto, o Programa Nacional do Livro Didático e Literário (PNLD) é uma iniciativa do Ministério da Educação e Fundo do Desenvolvimento Educacional (FNDE). Em 2017 com a extinção do PNBE, o PNLD recebeu a sigla PNLD-Literário “[...] dando continuidade às propostas do Plano Nacional, fornecendo obras literárias e materiais afins para os acervos pessoais dos alunos e das bibliotecas escolares a cada dois anos” (Gonçalves; Santos, 2023, p. 327). O PNLD Literário abarca distribuição de livros literários para educandos da educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos, nas escolas públicas de todo Brasil. Um ponto de suma importância neste programa, que precisa ser sintetizado, é a autonomia do corpo pedagógico nas escolhas destas obras literárias e didáticas (Santos; Gonçalves, 2023).

Dados divulgados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento BNDES afirmam que o governo federal é o maior consumidor individual de livros no Brasil. Segundo o Fundo do Desenvolvimento da Educação (FNDE)³ mais de 1.000 bilhão de reais foram gastos no PNLD em 2023, os gastos orçamentários em 2024 chegaram a mais de 2.000 bilhões. Tais amostras reverberam que as compras institucionais fomentaram a produção e circulação dos livros destinados a crianças e adolescentes na sociedade brasileira. Ademais, a quantidade de livros publicados corrobora na qualidade dos projetos editoriais destas edições, posto que, diversas premiações internacionais e brasileiras como FNLIJ, Prêmio Jabuti, Prêmio literário da Biblioteca Nacional, Prêmio da Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, entre outros, torna-se o texto e as ilustrações, bem como todo o projeto gráfico editorial rico em sua materialidade, fazendo com que, certas obras sejam valorizadas mais que outras, fomentando o comprometimento de todos profissionais que constituem a cadeia do livro.

No contexto das leis 10.639/03 e 11.645/08, o mercado editorial brasileiro precisou se reorganizar para atender às inovações curriculares propostas pelas políticas afirmativas. Ivone Jovino (2006) na pesquisa intitulada *Personagens negros na literatura infantil e juvenil* vem nos dizer que a inclusão de personagens africanos e afrodescendentes podem ser analisados em três momentos históricos. Em um primeiro momento, retratando esse grupo étnico no lugar de subserviência e inferioridade, destituídos de humanidade. Posteriormente, os autores

³ Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos> Acesso em: 30 set. 2024.

empenhados contra as narrativas coloniais e racistas passam a apresentar denúncias contra o preconceito e a discriminação racial. Por fim, na contemporaneidade, obras comprometidas com “a identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana” (Jovino, 2006, p. 150).

Betty Santos e Luciana Gonçalves (2023) analisando o acervo do PNLD-literário entre 2018 e 2020 buscaram quantificar obras que abordassem as temáticas negras, bem como, a presença de autores negros e afrodescendentes cujas obras foram selecionadas pelo programa. No estudo foram computadas 926 obras nas duas edições, destas, apenas 86 tratavam da temática negra. No tocante a hederoidentificação dos autores, dos 80 que escreveram sobre o tema, 35 são negros. Nota-se que, apesar do crescimento de temas ligados às culturas africanas e afro-brasileiras nos catálogos editoriais brasileiros após a promulgação da lei 10.639/03 a inclusão dessas obras nos programas governamentais de incentivo à leitura acontece de maneira não satisfatória. É notório afirmar, como sintetiza Gomes (2008) que a efetivação de uma educação antirracista e decolonial encontram dificuldades para sua consolidação no contexto escolar, uma vez que o racismo e o epistemicídio segue em curso nos currículos pedagógicos, cabendo políticas equitativas para subversão desse cenário.

Nesse enfoque discursivo, o Ministério da Educação por meio do fundo Nacional do Desenvolvimento Educacional PNLD apresentou no mês outubro o esboço do edital PNLD-Equidade, o objetivo do edital é aquisição de obras literárias voltadas à equidade educacional e à diversidade cultural. Dados prévios divulgados pelo Ministério da Educação sublinham que o novo programa estará dividido em sete categorias refletindo a diversidade e a história cultural do Brasil, entre elas estão; temática indígena, temática quilombola, relações étnicas raciais entre outros. A proposta que entrará em vigor em 2025 é animadora, visando ampliação de temáticas silenciadas e negligenciadas no contexto escolar.

Conforme postulado no primeiro capítulo, entende-se que as políticas de reparação, reconhecimento e valorização do povo e da cultura negra na sociedade moderna, fez com que temas ligados à cultura afro-brasileira e africana entrassem gradualmente nos catálogos editoriais brasileiros e lentamente nos programas governamentais de incentivo à leitura. Tais abordagem demonstram também os interesses das editoras por tais temas, revelando-se como um mercado interessante e lucrativo. O estudo de pós-doutorado da professora Lucilene Rezende Alcanfor mapeou e catalogou mais de 320 obras que tematizam as culturas africanas, afro brasileiras e indígenas, intitulado que 87.9% desses livros levantados foram publicados no mercado editorial após a lei 10.639/03 (Alcanfor; Panizzolo, 2025). Nesse mesmo intuito, a escritora brasileira Eliane Debus (2017) ao analisar a inclusão dessas temáticas no mercado

editorial após a promulgação da lei 10.639/03 analisou 1785 títulos das editoras Ática, Companhia das Letras, FTD, DCL, Paulinas, Salamandra e Scipione, 79 destes títulos evidenciava as culturas africanas e afro-brasileira. Em 2009, ao retornar ao objeto de estudo, incluiu mais três editoras Mazza, Paulus e SM em seu levantamento documental, foram levantados 2417 títulos, sendo que destes 171 tematizavam as perspectivas africanas e afro-brasileiras. Esses estudos demonstram a crescente inclusão de temas ligados ao continente africano e às diásporas nos catálogos editoriais brasileiros.

4 A TEMÁTICA AFRICANA NA RECENTE PRODUÇÃO EDITORIAL

Nessa última seção, apresentaremos os dados da catalogação e discutiremos a temática africana nas obras literárias infantojuvenil. A divulgação dos dados coletados será feita por meio de tabelas, organizadas em dois períodos, primeiramente de 2003 a 2012 e 2013 a 2023. Por conseguinte, os gráficos mostram as editoras com maior quantitativo de obras na catalogação e nacionalidade dos autores. Para enriquecer nossa discussão, Heloisa Pires Lima, Eliane Debus, Lucilene Alcanfor nos ajudaram a analisar essas produções literárias que evocam a ancestralidade, reverberando o legado preservado pela tradição oral. Para concluir, faremos uma breve análise das obras *Contos africanos para crianças brasileiras* (2004) de Rogério Andrade Barbosa; *Ombela, A origem das Chuvas* (2014) de Ondjaki; e *Histórias da Preta* (2005) de Heloisa Pires Lima.

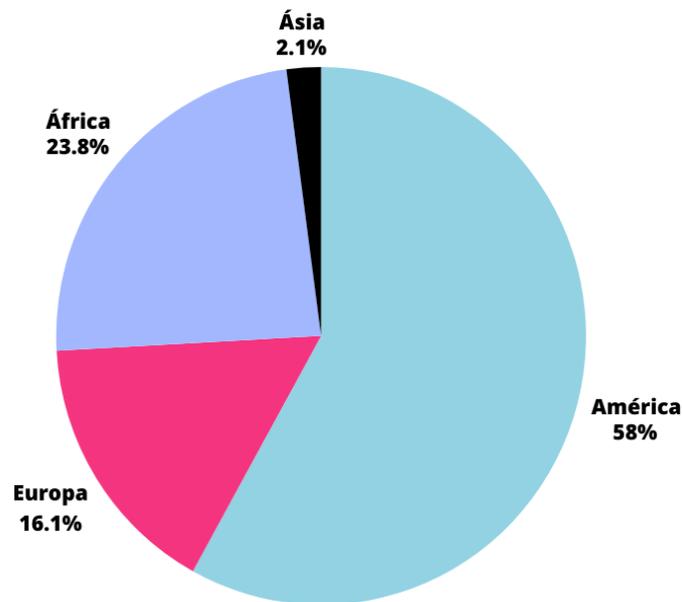
Como produto final apresentamos aos leitores 225 obras catalogadas que tematizam as culturas africanas em seu arcabouço epistemológico, obras estas, mapeadas nos acervos digitais das editoras brasileiras, sites de compra e no arquivo digital da Biblioteca Nacional. É importante ressaltar que os dados apresentados nesta monografia não esgotam toda produção do período, mas, evidencia o crescimento da temática no mercado editorial brasileiro após as políticas afirmativas que confrontam discursos eurocêntricos nas produções editoriais. As obras catalogadas foram publicadas entre 2003 a 2023, momento que celebramos os vinte anos da promulgação da lei 10.639/03, tais produções corroboram para retirar sujeitos e culturas da margem da sociedade e colocá-las no centro do discurso, apresentando a geografia, mitologias, culturas, ancestralidade e perspectiva de mundo transmitido oralmente de geração a geração pelos guardiões de africanidades e na contemporaneidade materializado nos livros literários. Nessa perspectiva, Heloisa Pires Lima diz que:

A tradição oral africana buscada para os contos, as fábulas e as lendas, vem de encontro a questionamentos contemporâneos acerca do alto valor do ensino da diversidade nos ambientes educativos. A ideia de África vem sendo ampliada para a apresentação de conteúdos fartos em elementos da natureza, da magia africana, dos vínculos com a ancestralidade. Essas têm sido algumas das vertentes detectadas para superar a constante associação com a dor da escravidão a referir o continente (Lima, 2009, p. 17).

São contos, fábulas, lendas e mitos da tradição oral que transmitem ensinamentos morais, valores e princípios éticos. Os temas contidos nessas obras não se limitam a questões identitárias, revelando-se como valioso artefato didático para recontar a história do povo negro em África e em diáspora. O professor Lourenço Ocuni Cá (2011) enfatiza que a tradição oral foi extremamente importante para preservação da herança cultural e ancestral nos países africanos de língua portuguesa “[...] as populações resistiam admiravelmente às tentativas de esmagamento das suas tradições nacionais, transmitindo oralmente a sua língua e os seus dialetos, conservando oralmente a sua literatura, os seus hábitos e as suas tradições” (Ocuni Cá, 2010, p. 211).

Eliane Debus (2013) sublinha que, após a independência dos países africanos de língua portuguesa (1960-1970) os escritores passaram a escrever o passado salvaguardado na memória, visando assim, que jovens e crianças conhecessem a história dos seus antepassados e do legado da sua ancestralidade. Em relação à inclusão dessas obras no mercado editorial brasileiro, Debus destaca que a literatura de temáticas africanas era pouca publicada por ser considerada de alto custo. Entretanto, através das lutas sociais iniciadas pelo Movimento Negro Unificado, que decorreu a promulgação da lei 10.639/03, essas produções começaram a ser incorporadas nos catálogos editoriais de diversas editoras brasileiras, servindo como instrumento pedagógico para as novas aberturas propostas pelas políticas de valorização e reconhecimento de grupos e culturas silenciados.

Referente aos dados da catalogação, também levantamos informações sobre as nacionalidades dos autores, 34 são do continente africano (Moçambique, Angola, África do Sul, Guiné-Bissau, Camarões, Malawi, Costa do Marfim, Senegal, Gana, Nigéria, Zimbábue), 83 do continente americano dos quais 71 são brasileiros, 23 autores europeus e uma pequena parcela originária da Ásia. Totalizando um quantitativo de 147 autores, dos quais 73 são do sexo feminino e 75 do sexo masculino.

Gráfico 1 - Continente de origem dos autores

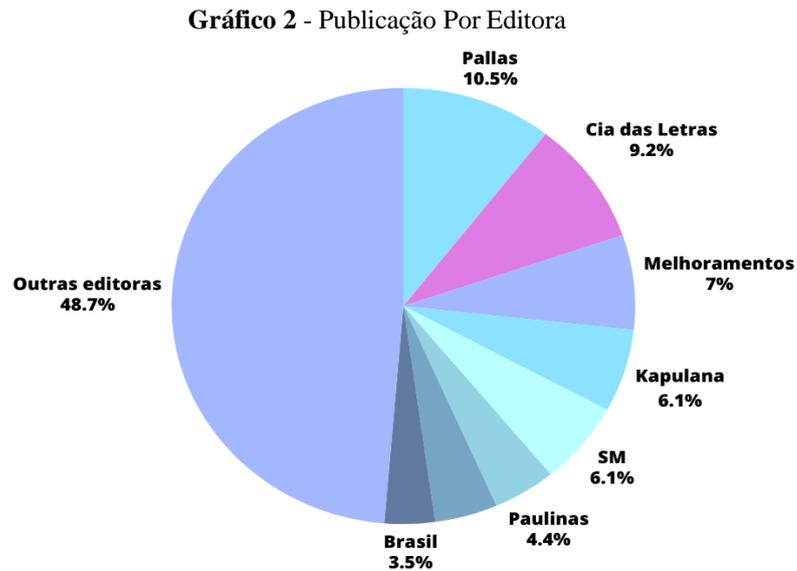
Fonte: elaborado pela autora.

Os dados levantados foram catalogados em 71 editoras brasileiras, a Pallas, com o selo Pallas Míni, lidera o levantamento com 23 títulos. A empresa foi fundada no Rio de Janeiro em 1975. Com a entrada da historiadora Cristina Warth, em 1980, teve seu catálogo expandido, contribuindo veementemente para o crescimento das produções editoriais que evidenciaram as temáticas africanas e afro-brasileiras. Em 2000, a editora lançou o selo Pallas Míni voltado para o público infantojuvenil, publicando diversas obras para valorização de grupos e culturas historicamente silenciadas.

A segunda editora com mais títulos na catalogação é a Companhia das Letras. Fundada em São Paulo em 1986, sublinha a importância de autores negros e temas relacionados a diversidade cultural em seu catálogo, desenvolvendo ações para combater o racismo dentro e fora da empresa. Ciente que o racismo é estrutural, enfatiza em seu site que, por longos anos o mercado editorial brasileiro privilegiou autores brancos e europeus, bem como, propagou preconceitos e discriminações raciais nos catálogos editoriais. A Companhia das Letras é a maior editora do país e possui 16 selos dedicados aos mais variados segmentos, sendo 05 deles voltados ao público infantil e juvenil: Companhia das Letrinhas, Brinque-Book, Escarlate, Seguinte e Pequena Zahar.

Outra editora atuante no mercado brasileiro com perspectivas africanas, é a Kapulana fundada em 2012, está localizada na cidade de São Paulo, inicialmente publicava periódicos para instituições de ensino e pesquisa em inglês e português. Seu catálogo foi expandido em 2015 abrangendo livros de ficção para crianças e adultos, as ações da editora estão direcionadas

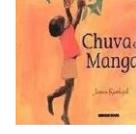
para publicação de obras de literatura africanas de língua portuguesa, como Angola e Moçambique, posteriormente ampliou seu foco para outros países como Zimbábue, Nigéria, Portugal e Quênia. Em 2017 com a colaboração da Escola Portuguesa de Moçambique, publicou no Brasil a série *Contos de Moçambique* com 10 volumes ilustrados por artistas e escritores moçambicanos.

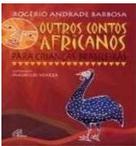


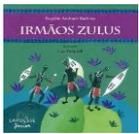
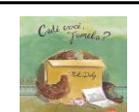
Fonte: elaborado pela autora.

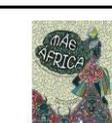
Catalogamos 225 obras literárias voltadas para crianças e adolescentes que tematizam as culturas africanas, a tabela foi dividida em dois momentos: o primeiro período de 2003 a 2012 e o segundo período de 2013 a 2023. Pela falta de espaço no corpo do texto, tendo em vista dados elevados de informações, privilegiamos trazer para esta monografia informações referentes a capa, título, autor, ilustrador, assuntos, ano de edição e selo. É relevante pontuar que os materiais levantados abrangem também: premiações, número de páginas, referência bibliográfica, fonte pesquisada, classificação, idioma e identificador. Tais informações complementares podem ser consultadas no banco de dados digital criado pela equipe de pesquisa.

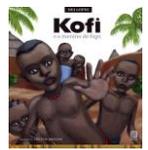
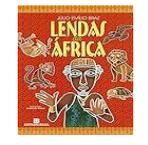
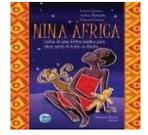
Tabela 1 - Primeiro período - 2003 a 2012

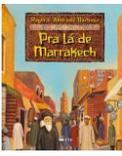
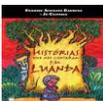
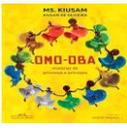
	CAPA	TÍTULO	AUTOR (a)	ILUSTRADOR (A)	ASSUNTOS	ANO DA EDIÇÃO/SELO
1		Bichos da África 2: lendas e fábula	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Contos africanos; Fábulas	ed.-2003 24 p. Melhoramentos
2		O espelho dourado	Heloísa Pires Lima	Taisa Borges	Rio Níger; Reino Medieval; Gana	ed. 2003 36 p. Peirópolis
3		Contos africanos para crianças brasileiras	Rogério Andrade Barbosa	Mauricio Veneza	Contos africanos; Fábulas	ed.2004 36 p. Paulinas
4		Gosto da África: histórias de lá e daqui	Joel Rufino dos Santos	Claudia Scatamacchia	Cultura negra e popular; Mitos; Tradições; Lendas; Luísa Mahin	ed. 2005 48 p. Global
5		Os Sete Novelos: Um conto de Kwanzaa	Angela Shelf Medearis	Daniel Minter	Culturas africanas; Povo Axânti; Kwanzaa	ed.2005 40 p. Cosac & Naify
6		Chuva de Manga	James Rumford	James Rumford	Culturas africanas; Chade; Infância	ed.2005 32 p. Brinque-Book
7		A semente que veio da África	Heloísa Pires Lima; Georges Gneka; Mário Lemos	Véronique Tadjo	Árvore da palavra; Baobá; Adansonia; Embondeiro	ed.2005 56 p. Salamandra
8		As Panquecas de Mama Panya	Richard Chamberlin e Mary Chamberlin	Julia Cairns	Culturas africanas; Quênia; Amizade; Solidariedade	ed.2005 40 p. SM

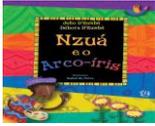
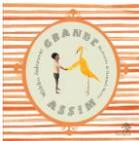
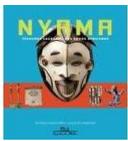
	CAPA	TÍTULO	AUTOR (a)	ILUSTRADOR (A)	ASSUNTOS	ANO DA EDIÇÃO/SELO
9		A Ginga da Rainha	Iris Maria da Costa Amâncio		Mitologias africanas; Angola	ed.2005 32 p. Mazza
10		Siku Lume e outros contos africanos	Júlio Emílio Braz	Luciana Justiniani	Recontos africanos; Coragem; Superação	ed.2005 61 p. Pallas
11		Por que os mosquitos zunem no ouvido da gente	Verna Aardema	Leo; Diane Dillon	África ocidental; Fábulas; Mentira	ed.2005 36 p. Global
12		Dulla, a mulher canibal: um conto africano	Rogério Andrade Barbosa	Graça Lima	Tradição oral; Continente africano	ed.2005 40 p. DCL
13		Debaixo do arco-íris não passa ninguém	Zetho Cunha Gonçalves	Roberto Chichorro	Angola; Povos nganguela, tchokwé e bosquímano;	ed.2006 32 p. Linguagera
14		As tranças de Bintou	Silviane Anna Diouf	Shane W. Evans	Culturas africanas; Infância; Juventude	ed.2006 32 p. Cosac & Naify
15		Os gêmeos do tambor: Reconto do povo Massa	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Recontos; Povo Massai; Tambor	ed.2006 40 p. DCL
16		Outros contos africanos para crianças brasileiras	Rogério Andrade Barbosa	Mauricio Veneza	Fábulas; Ensinaamentos; Tradição africana	ed.2006 24 p. Paulinas
17		O senhor dos Pássaros: conto angolano	Rogério Andrade Barbosa	Salmo Dansa	Griôs; Conto angolano	ed.2006 24 p. Melhoramentos

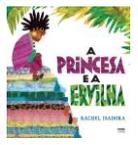
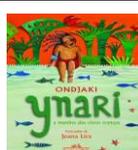
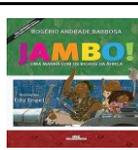
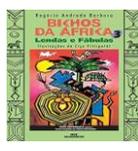
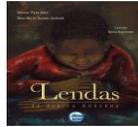
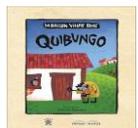
18		Os irmãos Zulu	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Zulus; Histórias; Culturas africanas	ed.2006 32-p. Larousse Junior
19		Nyangara Chena: A cobra Curandeira	Rogério Andrade Barbosa	Salmo Dansa	Lendas africanas; Povo Xona	ed.2006 24-p. Scipione
20		O beijo da palavrinha	Mia Couto		Literatura moçambicana; União família	ed. 2006 31-p. Língua Geral
21		A África, meu pequeno Chaka	Marie Sellier	Marion Lesage	Árvore baobá; contos africanos; Contadores de histórias	ed.2006 41-p. C. das letrinhas
22		Cadê você, Jamela?	Niki Daly	Nike Daly	Infância; culturas africanas Coleção Jamela	ed.2006 36-p. SM
23		O que tem na panela, Jamela?	Niki Daly	Nike Daly	Infância; Culturas africanas; Amizade	ed.2006 36-p. SM
24		Sua majestade, o elefante: contos africanos	Luciana Savaget	Rosinha Campos	Fábulas africanas; Flora africana	ed.2006 32-p. Paulinas
25		O homem que não podia olhar para trás	Nelson Saúte		Contos populares de Moçambique; Continente africano	ed.2006 36-p. Língua Geral
26		Bia na África	Ricardo Dreguer	Avelino Guedes, Rogério Borges	semelhanças culturais; Viagens.	ed.2007 47-p. Moderna
27		Orukomi Meu Nome	Esmeralda Ribeiro	Edmilson Q. Reis	Culturas africanas; Nome etnico	ed.2007 24 p. Quilombhoje

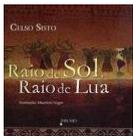
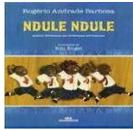
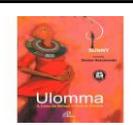
28		Não chore ainda não	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Contos africanos;lha de Babaque; Saltão (peixe)	ed.2007 24 p. Larousse Junior
29		A cabra Mágica	Meshack Asare	Meshack Asare	Tradição oral; Fábulas africanas	ed.2007 47 p. SM
30		Os caçadores de mel: contos tradicionais africanos	Francesca Martins;	Francesca Martins	Conto tradicional africano; Amizades e conflitos	ed.2007 27 p. Salamandra
31		Um safari na Tanzânia	Laurie Krebs	Julia Cairns;	Savana africana; Etnia Mssai; Língua swahili;Culturas africanas	ed.2007 32 p. SM
32		Mãe África: mitos, lendas fábulas e contos"	Celso Sisto	Celso Sisto	Contos; Mitos; Lendas; Lusofonia Série Lendas e contos	ed.2007 144 p. Paulus
33		Lebre que é lebre não mia	Celso Sisto	Celso Sisto	Fábulas africanas Série Além das lendas	ed.2007 40 p. Escala educacional
34		Abc do continente	Rogério Andrade Barbosa	Luciana Justiniano Hees	Continente africano;Rio Nilo; Baobá	ed.2007 48 p. SM
35		Seis pequenos contos africanos sobre a criação do mundo e do homem	Raul Lody	Raul Lody	Mitologia africana; deuses africanos	ed.2007 32 p. Pallas
36		Uma ideia luminosa	Rogério Andrade Barbosa	Thaís Linhares	Continente africano ;Deserto	ed.2007 24 p. Pallas
37		Erinlé, o caçador e outros contos africanos	Adilson Martins	Luciana Justiniano Hees	Contos africanos; Fauna e flora	ed.2008 36 p. Pallas

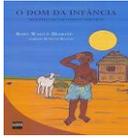
38		A Mbira da beira do rio zambese: canções do povo xona inspiram crianças brasileiras	Heloísa Pires Lima; Décio Gioielli; Marie Ange Bordas	Suppa	Zambeze; Povo Xona; Zimbábue; Instrumento Mbira	ed.2008 48 p. Salamandra
39		Krokô e galinhola: um conto africano	Maté	Maté	Conto africano; rio Luvironza	ed.2008 36 p. Brinque-Book
40		O papagaio que não gostava de mentiras	Adilson Martins	Luciana Justiniano Hee	Fábulas africanas; Ancestralidade; Memória	ed.2008 40 p. Pallas
41		Kofi e o menino de fogo	Nei Lopes	Hélène Moreau	Encontros; Amizade; Diferença	ed.2008 40 p. Pallas
42		Lendas da África	Júlio Emílio Braz		Continente africano Aventuras; Folclore;	ed.2008 80 p. Berth Brasil
43		Nina África: contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades	Lenice Gomes; Arlene Holanda; Clayson Gomes	Maurício Veneza	Lendas africanas; Seres inanimados; Mistérios	ed.2009 48 p. Elementar
44		O príncipe medroso e outros contos africanos	Anna Soler-Pont	Pilar Millán; Tradução de Luís Reyes Gil	Contos e lendas africanas; Coletânea; Griots	ed.2009 133 p. Seguinte
45		Feliz aniversário Jamela	Niki Daly	Nike Daly; Tradução Isa Mesquita	Culturas africanas; Festa de aniversário; Infância	ed.2009 32 p. SM
46		A árvore dos gingongos	Maria Celestina Fernandes	Jô Oliveira	Literatura angolana; Continente africano	ed.2009 40 p. DCL
47		O homem Frondoso e outras histórias da África	Claude Brum	Grégoire Vallancien	Conto africanos; Tradição oral; Magia; Coragem;	ed.2009 40 p. DCL

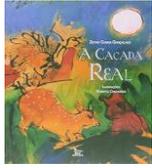
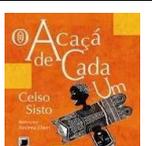
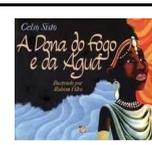
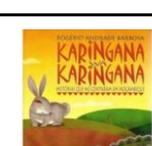
48		Kalahari- uma aventura no deserto africano	Rogério Andrade Barbosa	Laís Dias	Deserto do Kalahari; Continente africano; aventuras	ed.2009 128 p. Melhoramentos
49		Pra lá de Marrakech	Rogério Andrade Barbosa	Roberto Weigand	Mercado Marrakech; Marrocos; Continente africano; Viagem	ed.2009 34 p. FTD
50		Como o criador fez surgir o homem na terra: e outras histórias da tradição Zulu	Débora D'Zambê;Júlio D'Zambê	Maurício Veneza	Tradição Zulu; Lendas africanas; Mistérios e fantasias	ed.2009 28 p. Mundo Mirim
51		O comedor de nuvens	Heloísa Pires Lima	Suppa	Lenda africanas; Povo Achântis Série árvore falante	ed.2009 24 p. Paulinas
52		Três contos africanos de adivinhação	Rogério Andrade Barbosa	Mauricio Veneza	Contos africanos; Nigéria	ed.2009 24 p. Paulinas
53		Histórias que contaram em Luanda	Rogério Andrade Barbosa	Jô Oliveira	Histórias orais; Angola; Fábulas Série arca de Noé	ed.2009 40 p. FTD
54		O casamento da princesa	Celso Sisto	Simone Matias	Contos populares; África Ocidental; Tradição africana	ed.2009 31 p. Pruminho
55		Meus contos africanos	Nelson Mandela		Contos africanos; Povo san e khoi	ed.2009 149 p. Martins Fontes
56		Omo-Oba: histórias de princesas	Kiusam de Oliveira	Josias Marinho	Tradição Ketu; Mitos; Empoderamento feminino	ed.2009 48 p. Mazza
57		Avódezanove e o segredo dos soviéticos	Ondjaki		Autobiografia; Luanda-Angola; soviéticos	ed.2009 192 p. Seguinte

58		Nzuá e o Arco-íris	Júlio D' Zambê e Débora D' Zambê	Isabel de Paiva	Infância; Ensinaamentos; Angola	ed.2010 16 p. Global
59		Bichos da África 4: Lendas e fábulas	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Fábulas; Recontos africanos	ed.2010 16 p. Melhoramentos
60		A África de Dona Biá	Fabio Gonçalves Ferreira	Igor Dantas	Continente africano; Viagens; Descobertas; Fantasia	ed.2010 10 p. Cedic
61		Histórias da África	Gcina Mhlophe		Culturas africanas; Fantasia; ancestralidade	ed.2010 90 p. Paulinas
62		África Eterna	Rui de Oliveira	Rui de Oliveira	Culturas africanas; Regiões africanas; Faunas	ed.2010 54 p. FTD
63		Grande assim	Mhlobo Jadezweni	Hannah Morris	África do Sul; Tradição oral	ed.2010 36 p. Peirópolis
64		Nzuá e a cabeça	Toni Brandão	Eduardo Engel	Continente africano; Angola Coleção Afro-Brasileira	ed.2010 32 p. Melhoramentos
65		Nyama: tesouros sagrados dos povos africanos	Christiane Lavaquerie-Klein, Laurence Paix-Rusterholtz	Tradução de: Hildegard Feist	Continente africano; Povo Dogom; Mitos africanos; Objetos rituais	ed.2010 50 p. CIA.das letrinhas
66		Canção dos povos africanos	Fernando da Paixão	Sérgio Melo	Literatura em Cordel; canções africanas	ed.2010 28 p. IMEPH
67		O leão Kandinga	Boniface Ofogo, Elisa Arguilé		Continente africano; Tradição oral	ed.2010 30-p. Kalandraka

68		A princesa e a ervilha	Rachel Isadora	Rachel Isadora; i	Contos africanos; Fauna e Flora	ed.2010 32 p. Farol Literário
69		Petro bom de bola	Luísa Coelho	Conceição Bicalho	Continente africano, cultura Angolana; Diversidade; Ilha de Luanda	ed.2010 26 p. RHJ
70		Obax	André Neves	André Neves	Culturas africanas; Savana africana; Lendas	ed.2010 36 p. Brinque-Book
71		Escola de Chuva	James Rumford	James Rumford	Culturas africanas; Chade; Educação; Escola	ed.2010 32 p. Brinque-Book
72		Ynari, a menina das cinco tranças	Ondjaki	Joana Lira	Sabedoria africana; Guerra; magia; Infância	ed.2010 47 p. C. Letrinhas
73		Jambo: uma manhã com os bichos da África	Rogério Andrade Barbosa	Edu A. Engel	Parque Nacional de Tsavo; Quênia; Bichos da África	ed.2010 32 p. Melhoramentos
74		Bichos da África 3: lendas e fábulas	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Lendas africanas; Reinos caninos; Rivalidade	ed.2010 17 p. Melhoramentos
75		Lendas da África moderna	Heloísa Pires Lima e Rosa Maria Tavares Andrade	Denise Nascimento	Lendas africanas; África Moderna; Griôs do Mali	ed.2010 72 p. Elementar
76		Lila e o segredo da chuva	David Conway	Jude Daly	Culturas africanas; Lendas africanas; Geografia africana	ed.2010 32 p. Biruta
77		Quibungo	Marion Villas Boas	Marcelo Pimentel	Histórias de arrepiar; Mito de origem africana	ed.2010 16 p. Rovelle

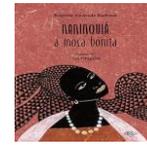
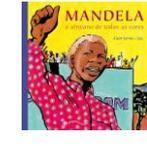
78		Raio de sol, raio de lua	Celso Sisto	Mauricio Negro	Culturas africanas; Lendas africanas; Infância	ed.2010 24 p. Pruminho
79		Toques de Griô	Heloísa Pires Lima e Leila Leite Hernandez	Kaneaki Tada	Griôs; Cultura africana ancestral; Contos africanos; Mali	ed.2010 120 p. Melhoramentos
80		Kaxinjengele e o poder: uma fábula angolana	José Luandino Vieira	José Luandino Vieira	Fábulas angolanas; Política angolana	ed.2011 16 p. Pallas
81		Ndule, Ndule: assim brincam as crianças africanas	Rogério Andrade Barbosa	Edu A. Engel	Brincadeiras africanas; Infância	ed.2011 24 p. Melhoramentos
82		Bichos da África 1: lendas e fábulas	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Lendas e fábulas africanas	ed.2011 16 p. Melhoramento
83		Nelson Mandela o prisioneiro mais famoso do mundo	Seong Eun Gang	Gyeong Su Gang	Nelson Mandela;Biografia; Continentes africanos	ed.2011 42 p. Pallas
84		O Menino que Comia Lagartos	Mercé López	Mercé Lopes; Tradução Pádua Fernandez	Continentes africanos: Desigualdade social; Fábulas; Infância Coleção Tatu-Bola	ed.2011 36 p. SM
85		Ulomma: A Casa de Beleza e Outros Contos	Sunny U	Denise Nascimento	Culturas africanas; continentes africanos; Contos.	ed.2011 48 p. Paulinas
86		O Mundo Começa na Cabeça	Prisca Agustoni	Tati Mões	Tranças; Ensinaamentos; Arte singular	ed.2011 24 p. Paulinas
87		Moçambique	Júlio Emílio Braz	Cárcamo	Contos moçambicanos;Países lusófonos.	ed.2011 144 p. Moderna

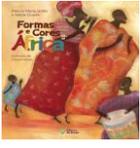
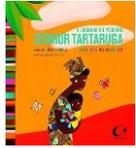
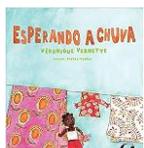
88		Histórias encantadas africanas	Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	Iconografia africana; Lendas africanas; Tradição oral	ed.2011 24 p. RHJ
89		Os dez Gigantes: Reconto Africano	Cristina Lavrador Alves	Maurizio Manzo	Reconto africano; Deuses; Mitos Série: Lanterna mágica	ed.2011 24 p. De Leitura
90		O menino que descobriu o vento	William Kamkwamba; Bryan Mealer	Tradução de Márcia de Almeida	Continente africano; Poder da leitura; Eletricidade	ed.2011 287 p. Objetiva
91		Nem um grão de poeira	Rogério Andrade Barbosa	Rubem Filho	Continente africano; Mitos africanos; contos etíopes	ed.2011 21-pág Zit
92		O Voo do Golfinho	Ondjaki	Danuta Wojciechowska	coragem; Imaginação; Liberdade	ed.2012 32 p. C.Letrinhas
93		Você é Livre	Dominique Torrès	Cristiane Costa	Continente africano; Escravidão; Niger	ed.2012 112p. Yellowfante
94		O Dom da Infância	Baba Wagué Diakité	Baba Wagué Diakité;	Continente africano; Kassaro aldeia do Mali Coleção Avulso	ed.2012 144 p. SM
95		Cinco Fábulas da África	Júlio Emílio Braz		Tradições africanas; Fábulas; Ensinaamentos	ed.2012 56 p. Leya didático
96		O vestido de Jamela	Niki Daly	Nike Daly;	Culturas africanas; Tecidos; Casamento;	ed.2012 36 p. SM
97		A ilha do crocodilo: contos e lendas do Timor Leste	Geraldo Costa	Mauricio Negro	Timor Leste; Contos e lendas africanas	ed.2012 72 p. FTD

98		A caçada real	Zetho Cunha Gonçalves	Roberto Chichorro	Fábulas africanas	ed.2012 30 p. Matrix
99		A vassoura do ar encantado	Zetho Cunha Gonçalves	Andrea Ebert	Lendas africanas; Cultura angolana; Saberes ancestrais	ed.2012 44 p. Pallas
100		A bicicleta que tinha bigodes	Ondjaki		Rádio Nacional de Angola; Infância; Política Nacional	ed.2012 92 p. Pallas
101		O acaçá de cada um	Celso Sisto	André Ebert	Histórias africanas; Violência; Esperteza	ed.2012 48 p. Galera Record
102		A dona do fogo e da água	Celso Sisto	Rubens Filho	Contos africanos; Filosofia africana	ed.2012 32 p. Mundo Mirim
103		A tatuagem- reconto do povo Luo	Rogério Andrade Barbosa	Mauricio Negro	Conto da tradição oral; Etnia Luo	ed.2012 32 p. Gaivota
104		Karingana wa Karonkana: Histórias que me contaram em Moçambique	Rogério Andrade Barbosa	Máuricio Veneza	Contos moçambicanos; Tradição oral	ed.2012 24 p. Paulinas
105		Zanzibar, a ilha assombrada	Rogério Andrade Barbosa	Mauricio Negro	Contos assustadores de tradição oral africana	ed.2012 32 p. Cortez
106		Exu e o mentiroso	Rogério Athayde	Clara Zúñiga	Mitologia Yoruba;Orixás;Exu	ed.2012 40 p. Pallas

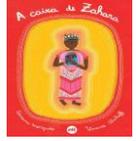
107		Aqaltune e as histórias da África	Ana Cristina Massa		Lendas africanas; Zumbi dos Palmares	ed.2012 160 p. Gaivota
-----	---	-----------------------------------	--------------------	--	---	------------------------------

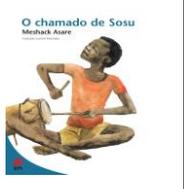
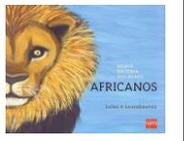
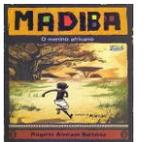
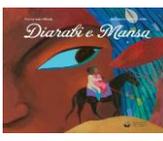
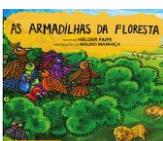
Tabela 2 - Primeiro período - 2013 a 2023

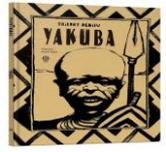
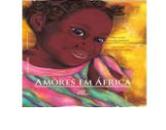
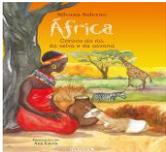
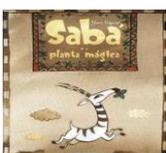
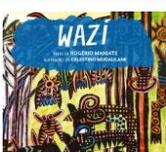
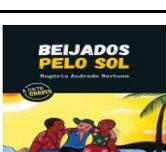
108		Uma escuridão bonita	Ondjaki	António Jorge Gonçalves	Cultura angolana; Juventude	ed.2013 110 p. Pallas
109		Dima, o passarinho que criou o mundo: mitos, contos e lendas dos países de língua portuguesa	Zetho Cunha Gonçalves (org.)	Angelo Abu	Antologias; Tradição oral; Diversidade	ed.2013 128 p. Melhoramentos
110		O filho do vento	Rogério Andrade Barbosa	Graça Lima	Povo Bosquímanos	ed.2013 40 p. DCL
111		Naninquá - a moça bonita	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Guiné Bissau; Conto de literatura oral	ed.2013 40 p. DCL
112		Mandela: o africano de todas as cores	Alain Serres	Zau	Nelson Mandela; Biografia; Continente africano	ed.2013 64 p. Pequena Zahar
113		Rio sem margem	Zetho Cunha Gonçalves	Thais Beltrame	Poesia oral angolana	ed.2013 56 p. Melhoramentos
114		O Menino Negro	Camara Laye		Culturas africanas; Infância e adolescência; República da Guiné	ed.2013 160 p. Seguinte
115		O tambor africano e outros contos africanos de língua portuguesa	Susana Ventura		Instrumento musical; Fábulas africanas	ed.2013 92 p. Volta e meia

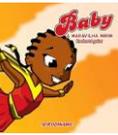
116		Lobu ku xibinhu: histórias que as crianças me contaram em Cabo Verde	Rogério Andrade Barbosa	Jô Oliveira	Contos africanos; tradição oral cabo-verdiana	ed.2013 30 p. Volta e meia
117		Como as histórias se espalharam pelo mundo	Rogério Andrade Barbosa	Graça Lima	Fábulas; Continente africano	ed.2013 40 p. DCL
118		O Natal de Nkem	Sunny	Maurício Veneza	Continente africano; Natal; Descoberta	ed.2014 40 p. Paulinas
119		Formas e Cores da África	Mércia Maria Leitão e Neide Duarte	Simone Matias	Continente africano; Diversidade cultural	ed.2014 42 p. Brasil
120		O filho do caçador e outras histórias-dilema da África	Andi Rubinstein; Madalena Monteiro	Andrea Ebert	Continente africano; Cultura africana	ed.2014 72 p. Pand Book
121		Sundjata, o príncipe Leão	Rogério Andrade Barbosa	Roger Melo	África ocidental; Contadores de Histórias (griots); Verso e prosa	ed.2014 63 p. Melhoramentos
122		Contos ao redor da fogueira	Rogério Andrade Barbosa	Rui de Oliveira	Recontos africanos; Griôs	ed.2014 62 p. Rovelle
123		A jornada do pequeno senhor tartaruga	Inge Bergh; Inge Misschaert	Kristina Ruell	Culturas africanas; África Moderna; Infância; Contos	ed.2014 32 p. Pulo do gato
124		Esperando a chuva	Véronique Vernet	Véronique Vernet	Culturas africanas; Geografia; Burkina Faso; África urbana	ed.2014 36 p. Pulo do Gato
125		O homem da árvore na cabeça	Celso Sisto	Angelo Abu	Contos africanos; Savana africana	ed.2014 32 p. Nova Fronteira

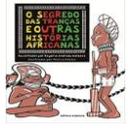
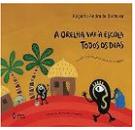
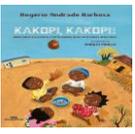
126		A força da Palmeira	Anabella López	Anabella López	Conto popular africano; Tradição Oral	ed.2014 44 p. Pallas
127		Ombela a origem das Chuvas	Ondjaki	Rachel Caiano	Mitologia africana; Deuses africanos; Cultura angolana	ed.2014 36 p. Pallas
128		Os vivos, os mortos e o peixe-frito	Ondjaki	Vânia Medeiros	Países lusófonos; Diversidade cultural; Temas cotidianos	ed.2014 136 p. Pallas
129		O coração do Baobá	Heloísa Pires Lima	Laerte Silvino	Baobá; Segredos; Descoberta	ed.2014 24-p. Amarilys
130		Lendas de Exu	Adilson Martins	Adilson Martins	Mitologias iorubá; Orixás; Exu	ed.2014 163-p. Pallas
131		Olelé: Uma Antiga Cantiga da África	Fábio simões	Marilia Pirillo	Cantiga Tradicional; República Democrática do Congo; Rio cassai	ed.2015 29-p. Melhoramentos
132		Plantando Árvores no Quênia	Claire A. Nivola	Claire A. Nivola	Wangari Maathai; Sustentabilidade; Cinturão-verde	ed.2015 32-p. SM
133		Alafiá e a Pantera Que Tinha Olhos de Rub	Marcel Tenório e Theo de Oliveira	Olavo Costa	Cultura africana; Povo Congolês	ed.2015 40 p. Globinho
134		Bino, o menino africano da cor do algodão	Marcial Ávila e Rosa Margarida de Carvalho Rocha	Marcial Ávila	Contadores de histórias; Zimbabuê; Contos africanos	ed.2015 35-p. Mazza
135		Kalimba	Maria Celestina Fernandes	Bruna Mancuso	Continente africano; Fábulas africanas; Aventura; Amizade	ed.2015 32-p. Kapulana

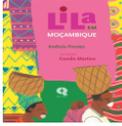
136		Sonho da Lua	Sílvia Bragança	Amanda de Azevedo	Poemas infantis; Continente africano	ed.2015 27-p. Kapulana
137		Não derrame o leite	Stephen Davies	Christopher Corr	Dunas africanas	ed.2015 29-p. Pequena Zahar
138		Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas	Pedro Pereira Lopes	Filipa Pontes	Poemas moçambicanos; Infância	ed.2015 40-p. Kapulana
139		Soyas de sun tataluga: Histórias que me contaram em São Tomé e Príncipe	Rogério Andrade Barbosa	Táisa Borges	São Tomé e Príncipe; Fábulas africanas; Culturas africanas	ed.2015 40-p. FTD
140		Aminata a tagarela	Maté	Maté	Tradição africana; Cultura Bamana; Rio Niger	ed.2015 48-p. Escarlate
141		Batu o filho do rei	Celso Sisto	Simone Matias	Etiópia; Conto popular	ed.2015 48-p. DCL
142		Kalinda e a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas	Celso Sisto	Celso Sisto	Contos tradicionais africanos	ed.2016 64-p. Escarlate
143		Danite e o leão. Um conto das montanhas da Etiópia	Rogério Andrade Barbosa	Ciça Fittipaldi	Etiópia; Conto africano	ed.2016 32-p. Brasil
144		Com os pés na África	Sérgio Túlio Caldas	Fefê Toquarto	Jogos e brincadeiras; Premiações; Diário de Viagem	ed.2016 104-p. Moderna
145		A Caixa de Zahara	Adriana Morgado	Vanina Starkoff	Infância;Continente africano;	ed.2016 48-p. Zit

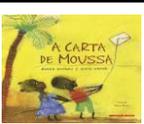
146		O Chamado de Sosu	Meshack Asare	Meshack Asare	instrumento musical; Tambor	ed.2016 48-p. SM
147		Bichos da Terra dos Bichos: Africanos	Lalau e Laura Beatriz	Lalau e Laura Beatriz	Poemas; africanos Misterios; Fábulas	ed.2016 43-p. SM
148		A Menina Akili e Seu Tambor Falante	Verônica Bonfim	Luciano Lima	Continente africano; Tambor; Amizade; Aldeia Adimó	ed.2016 20-p. Nandyala
149		Madiba - O Menino Africano	Rogério Andrade Barbosa	Renato Alarção	Nelson Mandela; Biografia; Liderasa	ed.2016 28-p. Cortez
150		A Amizade Eterna. E Outras Vozes da África	Ilan Brenman	Catarina Bessel	Ancestralidade; Escravidão; Culturas africanas	ed.2016 110-p. Moderna
151		Mussa: um conto popular africano	Maria Clara Cavalcanti	Allan Rabelo	Fábulas africanas; Amizade; Mitos	ed.2016 36-p. Zit
152		Diarabi e Mansa	Souleymane Mbodj	Judith Gueyfier	Príncipe africano; Amor; Generosidade	ed.2016 44-p. Viajante do tempo
153		As armadilhas da Floresta	Hélder Faife	Mauro Manhiça	Contos de Moçambique; Culturas africanas	ed.2016 32-p. Kapulana
154		O rei mocho	Ungulani Ba Ka Khosa	Americo A. Mavale	Batique craquelê; Contos de Moçambique	ed.2016 28-p. Kapulana
155		A viagem	Tatiana Pinto	Luís Cardoso	Artesanato moçambicano; Contos de Moçambique	ed.2016 40-p. Kapulana

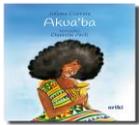
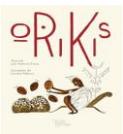
156		O jovem caçador e a velha dentuça	Lucílio Manjate	Brunna Mancuso	Contos de Moçambique; Magia; Guardiã da floresta	ed.2016 32-p. Kapulana
157		Yakuba	Thierry Dedieu	André Telles	Culturas africanas; Savana africana	ed.2016 40-p. Galerinha
158		Cambaco	Manu Maltes	Manu Maltes	Moçambique; Metáforas; Figuras mitológicas; Fábulas	ed.2017 80-p. SM
159		Contos de Olófi	Teresa Cárdenas Angulo	Rubem Filho	Contos tradicionais; Literatura contemporânea africana	ed.2017 64-p. Editora Lê
160		Amores em África	Lenice Gomes	Denise Nascimento	Coletâneas; Tradição oral; Lendas africanas	ed.2017 94-p. Paulinas
161		África - Contos do Rio, da Selva e da Savana	Silvana Salerno	Ana Lúcia	Contador de histórias	ed.2017 79-p. Girassol
162		Sabá e a planta mágica	Yann Dégruel	Yann Dpegruel	Lendas africanas; Etiópia; Cafezais	ed.2017 36-p. Viajante do Tempo
163		Kanova e o segredo da caveira	Pedro Pereira Lopes	Walter Zand	Tradição oral moçambicana; Contos de Moçambique	ed.2017 32-p. Kapulana
164		Wazi	Rogério Manjate	Celestino Mudaulane	Contos de Moçambique; Tradições do clã; Nanquim sobre papel	ed.2017 48-p. Kapulana
165		Beijados pelo sol	Rogério Andrade Barbosa	John Kilaka	Continente africano; infância; albinismo	ed.2017 72-p. Brasil

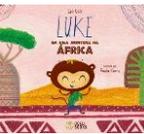
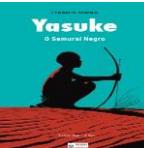
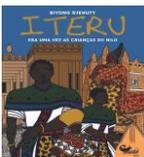
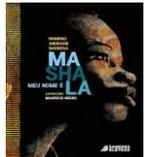
166		O casamento misterioso de Mwidja	Alexandre Dunduro	Luís Cardoso; Orlando Mondalane	Contos de Moçambique	ed.2017 36-p. Kapulana
167		Contos de Moçambique	Luana Chnaiderman de Almeida	Chistiana Piana fotografia e pesquisa	Contos, mitos, lendas e fábulas; Moçambique; Tradição popular	ed.2017 96-p. FTD
168		O presente de aniversário do Marajá	James Rumford	James Rumford	Fábulas africanas	ed.2017 32-p. Brinque-Book
169		O menino Nelson Mandela	Viviana Mazza	Maurício Negro; Paolo D' Altan	Nelson Mandela; Biografia; Continente africano	ed.2017 168-p. Melhoramentos
170		Dois Meninos de Kakum	Marie Ange Bordas	Marie Ange Bordas	Campo de refugiados; Quênia; Fotografias	ed.2018 72-p. Pulo do gato
171		Cartas entre Marias: uma viagem a Guiné Bissau	Virginia Maria Yunes		Fotografias; Guiné-Bissau; Cartas; Diáspora	ed.2018 40-p. Cuca Fresca
172		Baby: A maravilha mirim	Régis Rocha; Daniela Aguiar	Régis Rocha	Cultura africana; Infância	ed.2018 32-p. Afrodinamic
173		Na aldeia dos crocodilos	Adelino Timóteo	Silva Dunduro	Contos de Moçambique; Ubuntu	ed.2018 48-p. Kapulana
174		Leona, a filha do silêncio	Marcelo Panguana	Luís Cardoso	Contos de Moçambique; Continente africano; Tristeza; Esperança	ed.2018 32-p. Kapulana
175		O pátio das sombras	Mia Couto	Malangatana	Contos de Moçambique	ed.2018 28-p. Kapulana

176		O caçador de ossos	Carlos dos Santos	Emanuel Lipanga	Contos de Moçambique; Mistérios; Esculturas; Caçadas	ed.2018 28-p. Kapulana
177		O convidador de pirilampus	Ondjaki	António Jorge Gonçalves	Literatura angolana; Cotidiano	ed.2018 64-p. Pallas
178		O filho querido de Olokun	Rogério Athayde	Clara Zuniga	Mitologia iorubá; Orixás	ed.2018 52-p. Pallas
179		Mãe Sereia	Teresa Cárdenas	Vanina Starkoff	Mitologia africana; Navio negreiro; Diáspora	ed.2018 32-p. Pallas
180		O segredo das tranças e outras histórias africanas	Rogério Andrade Barbosa	Thais Linhares	Países lusófonos; Contos e fábulas africanas	ed.2019 72-p. Scipione
181		A orelha vai à escola todos os dias	Rogério Andrade Barbosa	Marcelo Pimentel	Provérbios africanos	ed.2019 32-p. Brasil
182		Kakopi, kakopi: brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos	Rogério Andrade Barbosa	Márlia Pirlho	Quênia; Brincadeiras do continente africano	ed.2019 48-p. Melhoramentos
183		Capulana, um pano estampado de histórias	Heloisa Pires Lima; Mário Lemos	Vanina Starkoff	Tecido africano; Moçambique	ed.2019 48-p. Spicione
184		O Livro dos Jogos das Crianças Indígenas e Africanas	Carlos Seabra	William Yukio.	Culturas indígenas e africanas; Jogos africanos e indígenas	ed.2019 32-p. Estrela Cultural
185		A Água e a Água	Mia Couto	Danuta Wojciechowska	Mitologia africana; Fábulas	ed.2019 32-p. Companhia das Letrinhas
186		Akin: O Rei de Igbo	Marcos Cajé	Dom Lito	Afroturismo; Mitos; Aventura	ed.2020 70-p. Malê

187		A África Recontada Para Crianças	Avani Souza Silva	Lila Cruz	Cultura africana; Países lusófonos; Adivinhações; Músicas;	ed.2020 120-p. Martin Claret Editora
188		Teceragem Uma história Ilustrada	Goya Lopes		Teceragem manual; Artesanato; vestimentas africanas	ed.2020 32-p. Solisluna
189		Contos e Músicas da África	Souleymane Mbodj		Contos africanos; Musicas; Tradições africanas	ed.2020 36-p. Viajante do Tempo
190		Lila em Moçambique	Andreia Prestes	Camilo Martins	Cidade do Maputo; Gravurista	ed.2020 33-p. Quase Oito
191		Memórias de uma baobá	Elane Chaves		Conteúdo africano; Brincadeiras; Infância	ed.2020 32-p. Chiado Editorial
192		Sona: contos africanos desenhados na areia	Rogério Andrade Barbosa	Thais Linhares	Povo quioco; Conhecimento ancestral; Tradição oral africana	ed.2020 32 p. Cometa Literatura
193		Os da minha rua	Ondjaki		Contos angolanos; autobiografia; Infância	ed.2021 128-p. Pallas
194		À sombra da mangueira	Angelo Abu e alunos do Hakumana	Angelo Abu	Moçambique; Região de Changana e Ronga; Histórias tradicionais africanas; Línguas locais	ed.2021 56-p. Peirópoles
195		O mar de Mano	Cidinha da Silva	Josias Marinho	Tradições; Colonialismo; Cultura Islamizad	ed.2021 32 p. Yellowfante
196		Nas garras dos balbuínos: um relato da tradição oral do povo Zulu	Rogério Andrade Barbosa	Mauricio Negro	Povo Zulu; Lendas da África do Sul	ed.2021 36 p. Gaivota

197		A história do sol e do rinoceronte	Ondjaki	Catalina Vazquez	Continente africano; Animais africanos	ed.2021 28-p. Pallas
198		Dumazi e o grande leão amarelo	Valanga Khoza	Matt Ottley	Cultura Zulu; Contos africanos	ed.2021 36-p. Brinque-Book
199		O rei que assobiava	Heloisa Pires Lima	Flávia Carvalho	África; Arte rupestre; Contos	ed.2021 24-p. Passarinhos
200		O Amuleto Perdido e Outras Lendas Africanas	Magdalene Sacranie	Sarah Bramley	Contos populares africanos; Cultura africana;	ed.2021 96-p. Pand Book
2001		Igbo e as Princesas	Marcos Cajé	Marcos Cajé	Mágia; Nigéria; Clima	ed.2021 28-p. Ereginga educação
2002		Contos de Cabras e Bodes	Bruna Lubambo e Sekuru Comound Muradzikwa	Bruna Lubambo	Contos africanos; Zimbábue; Formato sanfonado	ed.2021 36-p. Jandaíra
203		As Brincadeiras Africanas de Weza	Sheila Perina de Souza e coletivo Luderê Afro Lúdico	Whitney Machado	Recreatividade; Aventuras; Cultura africana	ed.2021 24-p. Kitembo
204		Ubuntu, Madiba	Regina Gonçalves	Alexandre Camanho	Bibliografia; Nelson Mandela	ed.2021 26-p. Viajante do tempo
205		A carta de Moussa	Rose Rimbau; Rocío Araya	Rocío Araya	Thille Boubacar; Senegal; Infância	ed.2022 40-p. Brinque-Book
206		Do arco e flecha ao berimbau	Rui Rosa	Camilo Martins	Ancestralidade africana; Instrumentos de corda; Berimbau	ed.2022 40-p. Pallas

207		Guardiãs de memórias nunca esquecidas	Otávio Júnior	Roberta Nunes	Tradição africana; Memória	ed.2022 32-p. Estrela Cultural
208		Diário de Pilar na África	Flávia Lins e Silva	Joana Pena	Continente africano; Cultura iorubá; Savana; Rio Congo	ed.2022 200-p. Pequena Zahar
209		Que bicho passou por aqui	Rogério Andrade Barbosa	Thais Linhares	Parque Nacional Kruger; Aventura; África do Sul	ed.2022 44-p. Brasil
210		Doze Brincadeiras Indígenas e Africanas: Da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul	Rogério Andrade Barbosa; Yaguarê Yamã	Laerte Silvino	Culturas africanas e indígenas; Brincadeiras; Amizade; Etnia Maraguá	ed.2022 36-p. Melhoramentos
211		Contos das Terras da Rainha Sabá	Rogério Andrade Barbosa	Vanina Starkoff	Histórias etíopes; Riquezas históricas e cultural	ed.2022 56-p. Moderna
212		Akua'ba	Juliana Correia	Daniele Akili	Ancestralidade; Tradição oral; Ashanti;	ed.2022 24-p. Oriki
213		Bebel Africa	Muriel Bloch e Nei Lopes		Fábulas africanas; Africanidades	ed.2022 112-p. Globinho
214		O Vestido de Afiya	James Berry	Anna Cunha	infância; Culturas africanas	ed.2022 28-p.
215		Kimbi e a Magia na Floresta	Fernando Carlos		Contos de Luanda; Contadores de histórias; Sabedoria ancestral	ed.2022 64-p. Olho de Vidro
216		Orikis: Histórias de Terreiro	Luiz Antônio Simas	Luciana Nabuco	Culturas africanas; Coletânea; Narrativas mitológicas;	ed.2022 63-p. Tulipa

217		Djarama. Obrigado	Eliseu Banori	Luyse Costa	Povo fula; Guiné Bissau; Saliu	ed.2022 40-p. Globinho
218		Contos encantados da África	Celina Bodenmüller, Fabiana Prando	Thiago Consp	Contos africanos; Pertencimento; Ancestralidade	ed.2022 72-p. Moderna
219		Eu vim de longe	Ana Moreira da Fonseca	Babi Wrobel	Malawi;Adoção; infância	ed.2022 40-p. Rebuliço
220		Coisas Desalinhasdas	Ondjaki	Alex Gozblau	Sentimentos; infância	ed.2023 48-p. Pallas
221		Luke Em Uma Aventura na África	Isa Colli	Paula Kranz	Aventuras; Cultura africana	ed.2023 40-p. Collibooks
222		Yasuke – O Samurai Negro	Frédéric Marais	Frédéric Marais	Continente africano	ed.2023 32-p. Viajante do tempo
223		Iteru: era uma vez as crianças do Nilo	Biyong Djehuty		Rio Nilo; História da humanidade; Quadrinhos	ed.2023 48-p. Malê
224		Os olhos grandes da menina pequenina	Ondjaki	Carla Dias	Literatura angolana;Infância; Sentimentos	ed.2023 48-p. Mima
225		Meu nome é Mashala	Rogério Andrade Barbosa	Maúrcio Negro	Continente africano; Infância;Aldeia no Congo	ed.2023 28-p. Saberes e letras

No que se refere aos autores, Rogério Andrade Barbosa é o escritor com mais títulos na catalogação, das 225 obras catalogadas, 48 são de sua autoria. Professor de literatura africana, contador de histórias e ex-voluntário das Nações Unidas em Guiné Bissau, escutou

diversos contos africanos e posteriormente, mediante a falta dessas narrativas no mercado editorial brasileiro, escreveu mais de 100 livros, a maioria são fábulas e contos africanos da tradição oral de recepção infantojuvenil. Sua bagagem acadêmica e sociocultural o levou a participar de eventos literários e Feiras do Livro na Alemanha, Cuba, Itália, México, Peru, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Gana, Etiópia e República Dominicana. Em 2004 publicou pela editora Paulinas o livro *Conto africanos para crianças brasileiras*, ilustrado por Maurício Veneza, contendo 36 páginas. Andrade, reconta 2 contos da tradição oral de Uganda, a eterna luta entre o gato e o rato, e o motivo que fez os jabutis terem os cascos rachados.

Figura 1 - *Contos africanos para crianças brasileiras*



Fonte: Barbosa (2004).

Na primeira fábula *Amigos, mais não para sempre* descreve de forma objetiva e carregada de significados a história que motivou a rivalidade entre o gato e o rato, temas como, rivalidade, lealdade, coletividade, traição, esperteza e decepção são abordadas pelo autor. Rogério Andrade Barbosa, inicia a narrativa enfatizando que se trata de uma história transmitida pelos gritos no coração da África. Na fábula é relatado que gato e rato eram grandes amigos, dividindo tarefas rotineiras, constantemente, guardavam alimentos no celeiro para suprir as necessidades alimentares que chegavam junto com a seca. Para mais, decidiram produzir uma deliciosa ghee espécie de manteiga. Entretanto, ambos ficaram preocupados em não conseguir resistir a iguaria que estaria guardado em casa, pela falta de confiança que ambos partilhavam, resolveram em consenso, esconder seu valioso pote de ghee na igreja “O templo é um lugar tão sagrado como as árvores cultuadas pelos povos que habitam a floresta. Ninguém vai ter coragem de mexer ali opinou o rato” (Andrade, 2004, p. 18). Nessa passagem, o autor enfatiza a relação do homem com a árvore, posto que, são consideradas sagradas em algumas sociedades indígenas e africanas por reconectar o homem com a sua ancestralidade e as memórias da comunidade. Dando continuidade à narrativa, é sublinhado que o rato não resistiu, e decidiu enganar seu amigo. Para isso, inventou vários batizados para se deslocar à igreja. O gato, por

sua vez, não desconfiou de nada, entretanto, estranhou os nomes atribuídos aos afilhados do rato que se chamava Quase Cheio, Pouquinho, Metade e Vazio. Passando semanas, os alimentos do celeiro se esgotaram e o gato se dirigiu à igreja para buscar a manteiga. Quando abriu o pote, tomou um baita susto, toda a manteiga havia sumido. Retornando para casa, procurou o rato para contar a triste notícia. Contudo, seu amigo havia fugido, percebendo que o ladrão era seu próprio amigo, e os nomes esquisitos que atribuía aos afilhados eram na verdade à medida que o traidor deixava o pote. Nesse dilema, o felino ficou bastante decepcionado e furioso. Segundo os mais velhos, na atualidade, o gato procura o rato para acertos de conta.

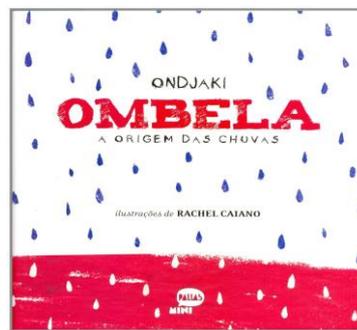
No segundo conto, *O Jabuti de asas*, é narrado a história do jabuti que almejava participar de uma festa no céu. Porém, por não ter asas, esse desejo era improvável, os pássaros, solícitos emprestaram penas e com algumas cordas fixaram-nas no jabuti, informado que o amigo precisaria de um nome, optou-se por chamar Para Todos. No dia seguinte, as aves se dirigiram para festa, houve atraso, pois o jabuti admirava o céu encantador em África, as montanhas, os cafezais e os rios. Durante a festa os velhos costumes foram postos, sendo um deles, perguntar quem comeria primeiro, a anfitriã respondeu que a comida seria destinada para todos. A ganância e esperteza do jabuti o fez comer toda a comida, já que se chamava Para todos. Os pássaros ficaram chateados e resolveram ir embora, antes, pediram de volta todas as penas que haviam emprestado ao guloso. O jabuti pediu que comunicassem a sua genitora a necessidade de colocar capim na porta da casa, visando amortecer a queda quando caísse do céu. Por sua vez, os pássaros deram o recado errado, ressaltando que o filho pediu que colocasse pedras. Lamentavelmente, o jabuti ficou muito ferido, precisando que seu casco fosse remendado, por conta disso, conta a tradição africana que todos os jabutis nascem com a casca rachada perpassando de geração a geração.

As fábulas africanas preservam e perpetuam saberes milenares, reverberando nas produções literárias aspectos da vida humana e da vida em sociedade, demonstrando como os seres humanos se comportam ou como devem se comportar, para isso, utilizam animais em suas narrativas perpassando lições moralizantes. Segundo João Costa (2022) essas fábulas possuem significados profundos apesar de serem curtas. As duas fábulas da tradição oral de Uganda, enfatiza o perigo da ganância, ambição e traição, demonstrando que as consequências adotadas ao tomar o “roteiro incorreto” perduram-se por longos anos ou várias gerações. O livro foi premiado pela Academia Brasileira de Letras ganhando o Prêmio Literatura Infantojuvenil (2004) Altamente Recomendável FNLIJ.

O segundo autor com mais obras na catalogação é o escritor e poeta angolano Ndalu de Almeida que assina com o pseudônimo Ondjaki, com 12 livros publicados. O escritor nasceu

em Luanda em 1977 ao longo da sua carreira angariou diversas premiações, entre elas estão: Prémio de Conto Camilo Castelo Branco com o livro *Os da minha rua*, em 2008; Prêmio Grinzane como melhor escritor africano na Etiópia e o prêmio Jabuti pelo romance juvenil *Avódezanove e o segredo do soviético*, no Brasil. Em 2014 publicou o livro infantojuvenil *Ombela a origem das chuvas*, ilustrado por Rachel Baiano, e publicado pela Pallas Míni, a obra contém 34 páginas. Ondjaki nos apresenta com a sua poeticidade o mito da origem das chuvas, narrando a história de Ombela, que significa chuva em Umbundu.

Figura 2 - Ombela a origem das chuvas



Fonte: Ondjaki (2014).

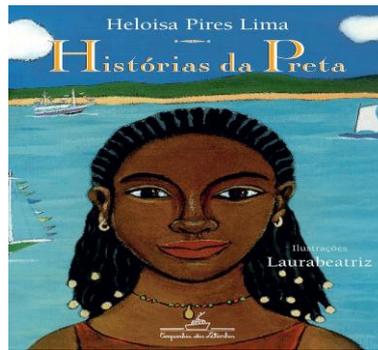
De início, o autor sintetiza que a história foi transmitida pelos mais velhos. A pequena deusa Ombela estava muito triste e resolveu chorar, no entanto, para que suas lágrimas não prejudicasse os seres humanos resolveu chorar no mar. A narrativa segue apresentando um diálogo entre pai e filha, na qual o pai transmite ensinamentos para a deusa das águas evidenciando a importância de expressar suas emoções quando sentidas. “Não te esqueças de chorar - lembrou-lhe o pai. Assim como a lua tem muitas faces, no mundo, por vezes, faz inverno e outras vezes faz verão, mesmo nós, os deuses, não podemos sempre estar felizes. Se é hora de sorrir, deves sorrir. Se precisas de chorar, deves chorar” (Ondjaki, 2014, s/d). Ombela chorou copiosamente, as lágrimas carregadas de tristezas encheram todo o oceano. Entretanto, uma dúvida inquietava a menina, ela não sabia se chorava por conta da tristeza que atravessava seu corpo ou porque gostava de olhar o mar. Tentando solucionar a dúvida da filha, o pai enfatiza que as lágrimas aparecem quando estamos tristes e também quando a felicidade invade nosso interior.

Em seguida, apresentou à Ombela os animais, as flores as árvores que precisavam de água doce, desenhando alguns rios e inventando lagos e lagoas, informando à filha que estes lugares esperavam novas lágrimas "agora vou fazer chover sobre a terra: a lágrima da tristeza vai chama-se água salgada. A nova lágrima será água doce" (Ondjaki, 2014, s/d). Quando

Ombela chora de tristeza, suas lágrimas desolam no mar e ao chorar de alegria, suas lágrimas desolam sobre os rios e os lagos.

Como mencionado anteriormente, a oralidade é marca registrada nos contos africanos de língua portuguesa, sendo um dos principais meios de transmissão de conhecimento. Para Vansina (2010, p. 140) “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais”. Esse testemunho passado de boca a ouvido atravessou gerações e se materializou na literatura e prevalece sendo transmitido na sociedade atual pelas recentes inovações curriculares abertas pelas políticas afirmativas em torno da educação.

Heloisa Pires Lima é a terceira escritora com mais títulos na catalogação, somando 09 títulos catalogados. A autora nasceu no Rio Grande do Sul em 1955 e aos 09 anos de idade mudou-se para São Paulo onde reside atualmente. Escritora, psicóloga, educadora e doutora em antropologia social, iniciou carreira na literatura por meio da biblioteca da Ibeji Casa Escola, escola que fundou, nos anos 1980, em parceria com outros educadores. Nas palavras de Lima, a baixa inclusão de personagens negros nos textos literários e quando inclusos, representados estereotipados e destituídos de humanidade a levou escrever sobre as africanidades na literatura infantojuvenil. Em 1998 lançou o livro *História da Preta* ganhando os prêmios Adolfo Aizen e José Cabassa pela União Brasileira de Escritores (UBE, 1999), o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil, FNLIJ 1998, categoria informativa. Também foi selecionado para o Brazilian Book Magazine na Feira do Livro de Bolonha (1999). A obra foi publicada com o selo Companhia das Letrinhas, composto por 64 páginas e dividido em 6 capítulos, ilustrado pela carioca LauraBeatriz. A obra é composta por historietas, apresentando uma bagagem cultural repleta de informações referente a questões identitárias, culturais e sociais da população africana e afro-brasileira. A origem africana permeia toda a obra, então, a menina que no decorrer da história encontra-se na fase adulta relata sobre escravização, tradição oral, racismo, protagonismo negro, candomblés e diversidade cultural, sendo um artefato pedagógico imprescindível para descolonização e reafricanização das mentes no contexto escolar.

Figura 3 - Histórias da Preta

Fonte: Lima (2005).

A protagonista da história é Preta, menina negra que narra os caminhos trilhados para construção da sua identidade, reconhecendo e valorizando a história da África e da cultura afro-brasileira. De início, relata que sua madrinha Carula lhe atribuiu esse nome, a quem compartilha amor e afeto. A garota curiosa e observadora foi construindo seu letramento racial com um tempo, sendo a leitura de fundamental importância na sua trajetória “é foi aos poucos que fui descobrindo uma menina Preta, marrom, uma menina negra, ser negra é como se percebem? Ou como eu me percebo? Ou como vejo e sinto me perceberem?” (Lima, 2005, p. 4). Preta, enfatiza sua origem africana com descendência alemã e indígena. Nesta primeira parte do livro, a autora apresenta os caminhos trilhados pela personagem na busca de se reconhecer como sujeito com direitos, para isso tece comentários e inquietações em torno da sua origem africana, trazendo o continente africano e a sua população para o centro da narrativa.

No primeiro capítulo, buscando juntar o quebra cabeça da sua história, a narradora intitula que foi através dos livros que conheceu uma África viva, plural e colorida. Mapas são apresentados para que o leitor tenha contato com as diferentes etnias, exemplificando que a diversidade étnica diz respeito à diferença e não a superioridade “a África tem muitas etnias, isto é, muitos jeitos diferentes de ser num mundo aparentemente igual” (Lima, 2005, p. 14). Em seguida, conta alguns contos da tradição oral africana sobre a criação do mundo, para os Shilluks que são o povo pastores o mundo teve origem por meio de uma gota de leite, consequentemente, a protagonista narra outras histórias referentes a criação do mundo sobre a perspectiva do povo Bambara, Dogons, Ndebele, enfatizando que as diferenças nas histórias reverberam a riqueza das africanidades contidas no céu estrelado da África.

Preta reverbera seu amor pelos contadores de histórias, sublinhando que através da fala o mundo continua a existir no presente. Por conseguinte, é enfatizado que a palavra griot é de origem francesa, revelando o sentido da palavra para o povo bambara conhecidos como *dieles*.

“Conhecem as muitas línguas da região e viajam pelas aldeias escutando relatos e recontado a história das famílias como um conhecimento vivo. Dieles quer dizer sangue, e a circulação do sangue é a própria vida, a força vital”. (Lima, 2005, p. 22).

No segundo capítulo *O roubo do tesouro* inquietações são postas sobre de qual África as pessoas negras descendem, narrativas são lançadas sobre o início da colonização no continente africano, perpassando pelas guerras internas, comércio transaariano, e o tráfico negreiro. A protagonista enfatiza que diferentes grupos étnicos desembarcaram na Bahia, Maranhão e Pernambuco, entre eles estão os Iorubas, Banto e Fons. Durante a viagem transatlântica, muitos tiraram suas próprias vidas, ou morriam de tristeza. A autora sintetiza a criação dos quilombos, sendo uma comunidade estreitamente organizada pelos escravizados fugitivos, visando resistir e se rebelar contra as violações desumanas que latejavam seus corpos. No capítulo *São direitos ou estão tortos?* Preta enfatiza que após a abolição não houve políticas estatais que reparasse os danos psicológico, material e social que atravessaram o povo negro, relatando a árdua realidade de prosseguir em uma sociedade racista pós escravagistas. No quinto capítulo intitulado *Historieta da preta* reverbera seu incomodo com os livros didáticos consumidos durante a infância nos espaços educacionais, posto que, disseminava apenas uma história na qual o povo negro apresentava-se em lugar de subserviência: “lembro do retrato de um homem amarrado a calça abaixada apanhando num tronco. Essa era a imagem que aparece repetidamente nos livros escolares” (Lima, 2005, p. 47). Esse mecanismo de inferiorização e subalternização, importado do ocidente, estava presente nas ilustrações e no ponto de vista do texto de forma explícita e sutil. Para Lima (2009) esses livros forjaram o imaginário de jovens e crianças na sociedade brasileira “As imagens, ao embutirem modelos de humanidade, constroem identidades sociais. [...] atingiu diretamente a percepção, não apenas da vida africana de outrora, mas as identidades espelhadas nessa descendência” (Lima, 2009, p. 94-97).

No penúltimo capítulo *Histórias do candomblé*, Preta reverbera sua experiência em uma festa do caboclo “A festa foi uma flecha que me atirou para dentro de um mundo desconhecido” (Lima, 2005, p. 60), a narradora enfatiza que as informações que chegavam sobre as religiões de matrizes africanas disseminavam preconceitos e por conseguinte, medo. No decorrer do capítulo, apresenta de forma sucinta lendas sobre as divindades religiosas Oxum, Oxumarê e Xangô intitulando suas relações com a natureza. A Congregação afro-brasileira-Candomblé representa o símbolo da identidade cultural, reverberando a força das divindades por meio dos cultos aos orixás, vundu, inquices e caboclos. Pode-se sublinhar que os africanos recriaram em solo brasileiro seu modo de vida, seus valores civilizatórios, culturais e religiosos. Essa continuidade transatlântica abarcando elementos fundantes do

continente africano, pode ser interpretada quando o historiador congolês Bokolo (2008) afirma que a diáspora é a sexta região da África.

Os livros aqui analisados evidenciam a importância das temáticas africanas voltadas para infância e juventude, verdadeiros instrumentos contra hegemônicos que rompem os pressupostos racistas e elitistas do mundo moderno. Ao analisar *Histórias da Preta*, de Heloisa Pires Lima, e *História de Índio*, de Daniel Munduruku, no artigo intitulado *Infância na literatura infantil: entre experiência e memória*, Alcanfor (2024) sublinha que estas insurgente produções literárias, na qual o narrador instituído de conhecimento e saberes apresentam sua história e seu conhecimento sobre seus valores identitários e culturais, refuta paradigmas dominantes, sendo uma ferramenta de luta e resistência no mundo moderno, confrontando a história única e proporcionando novas representações da infância nos textos literários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo, realizamos um levantamento nos catálogos editoriais, na Biblioteca Nacional e em sites de vendas de obras literárias voltadas para crianças e adolescentes que tematizam as culturas africanas, publicadas ao longo dos últimos 20 anos no mercado editorial brasileiro. Foram pesquisados 225 títulos que evidenciaram tais perspectivas epistemológicas. Ao interrogá-los, prestando atenção à sua materialidade, evidenciamos seu poder político-social em recontar o passado ocultado e silenciado pela historiografia oficial. É notório afirmar que os saberes ancestrais e culturais contidos nessas obras apresentam caminhos pedagógicos e emancipatórios para a construção de uma educação antirracista e decolonial, pois reverberam a resistência, resiliência, filosofia, história e arte do continente africano, cujo conhecimentos foram sepultados e deturpados pelo ocidente. Nesse contexto, como sintetiza Alcanfor (2023, p.74), “ela não somente resgata a autoestima e imagem desses povos, mas promove o direito à memória, desfazendo injustiças seculares”.

Portanto, é de fundamental importância a ampliação de políticas governamentais de incentivo à leitura, ampliando a inclusão desses livros no ambiente escolar. Essa ação se justifica, pois, durante a pesquisa constatamos que a aquisição e compras de livros de temáticas africanas e afro-brasileira por parte do Estado apresentam um processo ainda lento e desanimador. Essa ação é crucial, especialmente quando consideramos que diversos educandos oriundos do sistema público de ensino são atravessados pela vulnerabilidade social, tendo seu primeiro contato com o livro literário na escola por meio do Programa Nacional do Livro

Didático e Literário - PNLD. Deste modo, a inclusão dessas edições no contexto escolar é relevante também porque fomos veementemente atravessados por uma literatura desumanizadora e opressora que subalternizava e inferiorizava corpos negros.

Na contracorrente de lógicas opressoras, essas recentes produções editoriais apresentam às crianças e adolescentes novos repertório culturais que confrontam o racismo e o eurocentrismo arraigados na cultura escolar, corroborando para a descolonização dos currículos pedagógicos por meio de um acervo literário infanto-juvenil que foi disponibilizado, por meio desse projeto de iniciação científica, pelo sistema *Omeka S*, sendo uma ferramenta valiosa tanto para a pesquisa acadêmica quanto para a educação básica apresentando caminhos para tornar uma sociedade mais justa, igualitária com equidade.

Ao longo das discussões propostas nesta monografia evidenciamos que o crescimento das temáticas africanas no mercado editorial brasileiro está em consonância com a lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas africanas e afro-brasileiras no sistema educacional. Isso se deve pelas lutas sociais do movimento negro que, desde a década de 1970, evidencia a importância de uma educação democrática, antirracista e libertária, sabendo que o campo escolar é propício para a disseminação do racismo e o epistemicídio cultural. Após a promulgação da referida lei, saberes resguardados são escritos e novas vozes se rebelam ampliando as produções editoriais, pois a oralidade perpetuou o legado dos nossos ancestrais em África e nas diásporas. Assim diz Antonacci (2016, p. 16) “corpos que traziam impressas, em suas morfologias e entranhas, memórias de raízes ancestrais, com espiritualidades e materialidades de viveres longínquos, em suas gramáticas corporais preservaram e transmitiram arqueologia de saberes orais. Esses legados estão embutidos em provérbios, filosofia, história, lendas, mitos e contos, salvaguardados na memória e transmitindo oralmente de geração para geração como cultura viva, uma herança africana ancestral que na contemporaneidade também estão materializadas nos livros literários voltado para crianças e adolescente, confrontando a hegemonia cultural na sociedade brasileira.

Nas palavras de Vansina (2010, p. 157) o texto oral precisa ser analisado e revisitado constantemente “ele deve ser escutado, decorado, dirigido internamente como poema, e cuidadosamente examinado para que se possam aprender seus muitos significados”. Nesse viés, após o primeiro levantamento de 225 obras de temáticas africanas, evidenciando sua expressiva produção e circulação nos catálogos editoriais brasileiros, daremos sequência a pesquisa historiográfica analisando as obras de Ndalú de Almeida-Ondjaki.

Finalizamos este estudo sublinhando que as representações das africanidades presentes nos projetos editoriais de temáticas africanas, voltadas para infância e juventude, estão

entrecruzadas com aspectos inerentes à natureza, o protagonismo, a posituação de corpos subjugados, a magia africana e a conexão com a ancestralidade. Essas produções aqui catalogadas são verdadeiras potências de enredo e estética decolonial. Vale ressaltar que, essas epistemologias, além de apresentar novos repertórios culturais faz com que a sociedade conheça uma África plural e viva com fundamentos de poeticidade, filosofia, espiritualidade, geografia e ancestralidade. Compreende-se que essa epistemologia de mundo retira sujeitos e culturas da margem da sociedade e localiza-os no centro do discurso, humanizando e positivando sua história para a nação.

REFERÊNCIAS

- ALCANFOR, Lucilene Rezende; PANIZZOLO, Claudia. Decolonialidade na literatura infantil e juvenil: uma nova história a ser contada. *Revista Brasileira de Alfabetização*, 2025. (no prelo)
- ALCANFOR, Lucilene. Infância na literatura infantil: entre experiência e memória. In: PANIZZOLO; CRUZ, José Ildon Gonçalves da (Orgs.). *Infância, cultura, história: produção e os percursos da pesquisa*. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2024.
- ALCANFOR, Lucilene Rezende. *Decolonialidade na produção literária infantil e juvenil: sujeitos, representações e o direito à história*. Relatório de pesquisa de estágio de pós doutoramento apresentado ao Programa de de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo, 2022.
- ALCANFOR, Lucilene; BASSO, Jorge Garcia. Ensino de História, Literatura e Memória. *Capoeira – Revista de Humanidades e Letras | Vol.1 | Nº. 1 | Ano 2024*.
- ALCANFOR, Lucilene Rezende, BASSO, Jorge Garcia. Infância, identidade étnica e conhecimentos de matriz africana na escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.44, n. 2, e88363, 2019.
- ANTONACCI, Maria Antonieta. Artes da Memória de povos em diáspora: História e Pedagogia em “condições de enunciação”. *Fronteiras: Revista de História, Dourados, MS*, n. 18, n. 31, pp. 244-256, jan.-jun. 2016.
- Eduardo de Assis Duarte – Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008.
- BARBOSA, Rogério de Andrade. *Contos Africanos para crianças brasileiras*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília*, 10 jan. 2003
- BRASIL. Parecer CNE/CP 003/2004 trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 2004.
- CÁ, Lourenço Ocuni. Cultura escolar e os povos coloniais: a questão dos assimilados nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). *ETD – Educação Temática Digital, Campinas*, v. 13, n. 1, p. 207-224, jul./dez. 2011.
- CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. Ler a leitura. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina A. da Silva (Orgs.) *História do ensino de leitura e escrita: métodos e materiais didáticos*. São Paulo: Editora Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014.

CHARTIER, Roger. Materialidade dos escritos, constituição de acervos e a função autor. Entrevistadores: André Furtado e Anna Coelho. *Varia História*, v. 38, n. 76, p. 612-628, jan./abr. 2022.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *A Literatura Angolana para Infância. Educação & Realidade, Porto Alegre*, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Ática, 2017.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo Martins Fontes, 2013.

JAHEEM, Ricardo. *Adebumi: meu verdadeiro nome*. Paraná: Aya, 2023.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (ORGs). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira. Uma nova outra história*. Curitiba: PUCPress e FTD, 2017.

LIMA, Heloísa Pires. *Histórias da Preta*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

LIMA, Heloísa Pires. Entre a orelha, a língua e a mão: a origem africana para o leitor infantil e juvenil. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 93-105, 2º sem. 2009.

MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global, 2009.

ONDJAKI. *Ombela: a origem das chuvas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

PEREIRA, Amilcar Araújo. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v.12, n. 17, 2º sem. 2011. p. 25-45.

PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO PNLD LITERÁRIO 2020. (2020). *Revista Alere*, 21(1), 251-270.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Discriminações étnico-raciais na literatura infantojuvenil brasileira. Linha D'Água*, (2), 21-39, 1981.

SACRAMENTO, Thais Jardim Novaes. *O uso da literatura na Educação Infantil: construindo identidades étnico-raciais*. 2019. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

SANTOS, B. L.; GONÇALVES, L. S. M. A presença de autores negros no PNLD Literário: de que lugar estamos falando? *Tabuleiro de Letras*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 326–340, 2023.

SANTOS, Jeferson. A educação da sensibilidade e o ensino de artes: compreensões compósitas por uma educação implicada. *Revista Espaço Acadêmico* (243) - jan./fev./mar. 2024.

SILVEIRA, Priscila Valverde. *Entre o pós-abolição e a história digital: usos e sentidos do termo pós-abolição nos simpósios nacionais de História da ANPUH (2013-2019)*. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022.

VANSINA, Jan. A tradição oral e a sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (org). *História Geral da África*. (V.1, Metodologia e Pré-História da África). Brasília: UNESCO, 2010. p.167-202.